



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÕES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PRISCILA LOPES DE ARAÚJO

**A DUPLA COLONIZAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA INVASÃO DAS
AMÉRICAS: UMA ANÁLISE DECOLONIAL DE MALINCHE, DE LAURA
ESQUIVEL.**

RECIFE
2024

PRISCILA LOPES DE ARAÚJO

**A DUPLA COLONIZAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA INVASÃO DAS
AMÉRICAS: UMA ANÁLISE DECOLONIAL DE MALINCHE, DE LAURA
ESQUIVEL.**

Defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Professora. Dra. Imara Bemfica Mineiro

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lopes de Araújo, Priscila.

A dupla colonização da mulher indígena na invasão das Américas: uma análise decolonial de Malinche, de Laura Esquivel. / Priscila Lopes de Araújo. - Recife, 2024.

89p

Orientador(a): Imara Bemfica Mineiro

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. Novo romance histórico. 2. Malinche. 3. Estudos de gênero. I. Bemfica Mineiro, Imara. (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 34)

PRISCILA LOPES DE ARAÚJO

**A DUPLA COLONIZAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA INVASÃO DAS
AMÉRICAS: UMA ANÁLISE DECOLONIAL DE MALINCHE, DE LAURA
ESQUIVEL.**

Defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovada em: 06 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Dra. Imara Bemfica Mineiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Professor (a) Dra. Maria Suely De Oliveira Lopes
(Examinadora externa).
Universidade Estadual do Piauí

Professor(a) Dra. Karine Da Rocha Oliveira
(Examinadora externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me sustentar e me capacitar para iniciar e terminar este trabalho. Costumo dizer que sem a fé e sem a ajuda de um ser superior que me guiasse e acolhesse, seria impossível a conclusão deste trajeto. Agradeço aos meus pais, Adelmo e Gilvânia, pelo suporte em todos esses anos, e aos meus irmãos, Fernando, Matheus e Andreza, que são a melhor parte de mim, o amor que carrego nesta vida e nas próximas, se houver.

À Joyce, minha prima, que chora e ri comigo desde a minha primeira infância, suas traquinagens me despertam risos e a vontade de seguir contigo. Obrigada por cuidar de mim.

Às minhas avós, Marluce e Severina, que sempre me acolheram e me abraçaram nos melhores e piores momentos dessa jornada, fazendo-me acreditar que, mesmo com altos e baixos, melhor é o fim das coisas do que o início delas. Meu amor desce para vocês.

Às minhas amigas, em especial à Natália, Gabryele, Luciana, Vitória e Susane, que se fizeram presentes não só na minha vida pessoal, mas em todos os processos da minha vida acadêmica, me incentivando, orientando e acolhendo. Estiveram na plateia da vida, ajudando-me a erguer a bandeira do sucesso. A vocês, meus sinceros agradecimentos, além do meu amor. Lu, minha amiga, você é minha portadora de boas notícias.

Ao meu psiquiatra, Frederico Lapa, e à minha psicóloga, Rebeka Carneiro, por me acompanharem há longos anos e me auxiliarem emocionalmente para que cada passo fosse saudavelmente alcançado.

Ao meu grande amigo Luiz Carlos, por me acompanhar desde a graduação até o mestrado, tornando minha vida acadêmica mais leve e feliz, apesar dos contratemplos.

Ao meu amor, meu pequeno anjo, meu filho de coração, Miguel, por dar sentido à minha vida desde que chegou, embalando as batidas do meu coração no compasso do seu riso. Ele é minha felicidade.

À professora e amiga Karine Rocha, por me auxiliar desde a primeira orientação no PIBIC e me impulsionar para o campo dos estudos de gênero,

além do acolhimento e do aconchego que sua amizade me traz.

À minha orientadora, professora Imara Bemfica, pela paciência, dedicação e disponibilidade nos dois anos de pesquisa, pelo olhar humano e compreensão em todo esse processo. Gratidão, professora.

À CAPES, pelo financiamento e por me permitir concluir a pesquisa com o auxílio financeiro proveniente da bolsa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, pela atenção e disponibilidade.

Minha eterna gratidão.

RESUMO

Sob a luz da teoria do novo romance histórico proposta por Fernando Aínsa (1993), proponho a análise do novo romance histórico como subgênero literário, que trabalha as histórias centralizadas na América Latina através de um olhar para narrativas concentradas no continente, dando voz aos sujeitos que outrora foram esquecidos ou deturpados pela história, mas que tiveram suas vozes emergentes através da Literatura e dos Estudos Culturais na América Latina e no mundo. O presente trabalho pretende abordar a obra da romancista mexicana Laura Esquivel chamada *Malinche* (2006), que narra a história da indígena de etnia Nahuatl colonizada pelos espanhóis e obrigada a trabalhar como sua intérprete. A figura da indígena foi deturpada durante anos na história do México por questões políticas e de gênero, mas a abordagem central da investigação mantém a ideia de que Malinche não passava de uma mulher que, como tantas outras indígenas, foi duplamente colonizada, tendo seu corpo e sua culturalidade invalidados pelos conquistadores. Para elucidar as questões de gênero que serão levantadas ao longo do texto, trabalharei com María Lugones (2014), que propõe abordar as violências de gênero impostas às mulheres colonizadas durante o período de invasão à América Latina, e Rita Segato (2014), que nos elucidam sobre as divisões patriarcais acometidas a essas mesmas mulheres (em especial as indígenas) antes da chegada dos colonizadores, e de como esse sistema pré-patriarcal (Segato, 2014) foi alterado devido à chegada dos espanhóis. Ainda sobre as discussões voltadas às questões de gênero, para fundamentar teoricamente o tema proposto, que é “a dupla colonização da mulher indígena na conquista das Américas”, será trabalhado o conceito de dupla colonização proposto por Thomas Bonnici (2004), onde o pesquisador nos elucidam sobre o que seria o conceito de dupla colonização e como esse conceito se fundamenta neste trabalho. Além disso, as pesquisadoras Maria Mies (1986) e Verônica Gago (2020) também são citadas para apresentar o conceito de corpo-território e compor a banca de estudos feministas, Ivan Jablonka (2017), Rebecca Kay Jager (2015) e demais para compor os estudos historiográficos no último capítulo.

Palavras-chave: Novo romance histórico; Malinche; Estudos de gênero.

ABSTRACT

Under the light of the theory of the new historical romance proposed by Fernando Aínsa (1993), I propose the analysis of the new historical romance as a literary subgenre, which works with stories centered on Latin America through a central look at narratives concentrated in the continent, giving voice to the subjects which were once forgotten or misrepresented by history, but which had their voices emerge through the literature and the cultural studies in Latin America and the World. The present work intends to approach the work of the Mexican novelist Laura Esquivel called *Malinche* (2006), which narrates the story of the indigenous woman of Nahua ethnicity colonized by the Spanish and forced to work as their interpreter. The figure of the indigenous woman was misrepresented during years in the history of Mexico due to gender and political issues, but the central approach of the investigation sustains the idea that Malinche was just a woman who, as many other indigenous women, was doubly colonized, having her body and her culturality invalidated by the conquerors. To shed light on the gender issues that will be raised throughout the text, I will work with Maria Lugones (2014), who proposed to approach the gender violences imposed to colonized women during the period of the invasion to Latin America, and Rita Segato (2014), who elucidates us about the patriarchal divisions inflicted to these same women (especially the indigenous) before the arrival of the colonizers, and of how this pre-patriarchal system (Segato, 2014) was altered due to the arrival of the Spanish. Further on the discussions about gender issues, to theoretically substantiate the proposed theme, which is “the double colonization of the indigenous woman in the conquest of the Americas”, the theory of double colonization proposed by Thomas Bonnici (2004) will be worked with, where the researcher elucidates us about what would be the concept of double colonization and how he substantiates this work. Furthermore, the researchers Maria Mies (1986) and Verônica Gago (2020) are also quoted to present the concept of body-territory and compose the feminist studies committee. Ivan Jablonka (2017), Rebecca Kay Jager (2015) and others to compose the historiographical studies in the last chapter.

Key-words: New historical romance; Malinche; Gender studies.

RESUMEN

Bajo la luz de la teoría de la nueva novela histórica propuesta por Fernando Aínsa (1993), propongo el análisis de la nueva novela histórica como un subgénero literario que aborda historias centradas en América Latina a través de una mirada focalizada en narrativas del continente, dando voz a sujetos que en otro tiempo fueron olvidados o tergiversados por la historia, pero que han emergido con sus voces a través de la literatura y los estudios culturales en América Latina y en el mundo. El presente trabajo tiene como objetivo abordar la obra de la novelista mexicana Laura Esquivel, titulada *Malinche* (2006), que narra la historia de la indígena de etnia Nahuatl colonizada por los españoles y obligada a trabajar como intérprete para ellos. La figura de la indígena fue distorsionada durante años en la historia de México debido a cuestiones políticas y de género, pero el enfoque central de esta investigación sostiene la idea de que Malinche no era más que una mujer que, como muchas otras indígenas, fue colonizada en dos aspectos, viendo su cuerpo y su cultura invalidados por los conquistadores. Para esclarecer los temas de género que se abordarán a lo largo del texto, trabajaré con las ideas de María Lugones (2014), quien propone examinar las violencias de género impuestas a las mujeres colonizadas durante el período de invasión en América Latina, y Rita Segato (2014), quien nos ilustra sobre las divisiones patriarcales que afectaron a estas mismas mujeres (especialmente a las indígenas) antes de la llegada de los colonizadores, y cómo este sistema pre-patriarcal (Segato, 2014) cambió con la llegada de los españoles. En relación con las discusiones sobre género, para fundamentar teóricamente el tema propuesto, que es "la doble colonización de la mujer indígena en la conquista de las Américas", trabajaré con la teoría de la doble colonización propuesta por Thomas Bonnici (2004), quien nos ilustra sobre el concepto de doble colonización y cómo este concepto se fundamenta en este trabajo. Además, las investigadoras María Mies (1986) y Verónica Gago (2020) también son mencionadas para presentar el concepto de cuerpo-territorio y enriquecer el enfoque de los estudios feministas, Ivan Jablonka (2017), Rebecca

Jager (2015) y los demás, para compor los estudios historiográficos en el último capítulo.

Palabras clave: Nueva novela histórica; Malinche; Estudios de género.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
2.	ROMANCE HISTÓRICO E TERMINOLOGIAS: ANÁLISES E DISCUSSÕES..	15
2.1	DESENVOLVIMENTO DO ROMANCE HISTÓRICO.....	15
2.2	DESENVOLVIMENTO DO ROMANCE HISTÓRICO NA AMÉRICA LATINA.....	16
2.2.1	O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO.....	16
2.3	O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO.....	21
3.	RECONTANDO A HISTÓRIA: AS VOZES SUBJUGADAS.....	24
3.2	A VOZ DE MALINCHE.....	24
3.2.1	OUTRA ANÁLISE ACERCA DE MALINCHE.....	30
4.	DUPLA COLONIZAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA INVASÃO DAS AMÉRICAS.....	32
4.1	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS LITERÁRIOS DECOLONIAIS.....	45
4.2	MALINCHE E OS SIGNOS	47
4.3	MALINCHE E O CORPO: A OUTRA FORMA DE COLONIZAR.....	53
4.4	CORPO E TERRITÓRIO: OUTRAS FORMAS DE COLONIZAR.....	57
5.	OBSERVAÇÕES HISTÓRICAS ACERCA DA OBRA DE ESQUIVEL	58
5.1	DIÁLOGOS LITERÁRIOS E HISTÓRICOS.....	64
5.2	O “MALINCHISMO” E A TRAIÇÃO DA MULHER: A “VINGATIVA” DAS AMÉRICAS?.....	70
5.3	O BOOM E PÓS-BOOM NA AMÉRICA LATINA.....	77
6.	CONCLUSÃO.....	83
	REFERÊNCIAS.....	85

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, para adentrar no que discutiremos acerca do conceito do novo romance histórico americano, que será crucial para compreender como esse subgênero literário se desenvolve mediante obras literárias, serão analisadas as contribuições teóricas de alguns pesquisadores, e um deles é Fernando Aínsa (1993). Aínsa argumenta que a literatura tem o poder de lançar luz sobre aspectos muitas vezes negligenciados ou esquecidos da história, ao mesmo tempo em que questiona e desafia narrativas estabelecidas (1993). Sua abordagem ressalta a importância de considerar o contexto histórico-cultural da América Latina, incluindo elementos como as influências coloniais, os conflitos sociais e políticos, bem como as interações entre diferentes grupos étnicos e culturas.

A princípio, pesquisar sobre os estudos de gênero e suas características na literatura iniciou durante a graduação, no PIBIC, junto à professora Karine Rocha, onde também me foi apresentada a obra que analiso e o novo romance histórico latino-americano, que compôs juntamente o tema do meu TCC. O foco para a análise das mulheres indígenas partiu também da pesquisa que se iniciou na graduação e do reconhecimento da ancestralidade indígena que permeia na minha família, fazendo-me interessar cada dia mais pela temática.

O "novo romance histórico" emerge como uma resposta literária às complexidades históricas da América Latina, proporcionando uma maneira de explorar identidades, memórias coletivas e tensões culturais por meio da ficção (Aínsa, 1993). Essa proposta enfatiza a capacidade da literatura de lançar nova luz sobre eventos passados, oferecendo interpretações alternativas que podem contribuir para uma compreensão mais profunda e rica do contexto histórico da região.

Haverá outros conceitos trabalhados que dizem respeito aos subgêneros literários que se propõem a pensar abordagens mais centralizadas na América Latina, como o romance histórico de Mediação, trazido por Gilmei Francisco Fleck (2019), mas a ideia central da abordagem deste texto para defesa é apresentar as características do novo romance histórico e de como ele pode ser reconhecido na obra escolhida para ser analisada.

No segundo capítulo, proponho-me a apresentar a obra *Malinche* (2006), de Laura Esquivel. O romance histórico narra a vida de Malinche, também conhecida como Malintzin ou La Malinche, uma mulher indígena da etnia Nahuatl que desempenhou um papel significativo durante a conquista espanhola do México no século XVI. O livro aborda a história de Malinche desde sua infância até sua vida adulta, retratando sua jornada complexa e as circunstâncias que a levaram a se tornar intérprete, confidente e amante do conquistador espanhol Hernán Cortés. Malinche foi fundamental como tradutora, permitindo que os conquistadores espanhóis se comunicassem com os povos indígenas locais.

Esquivel explora a dualidade cultural de Malinche, que estava em uma encruzilhada entre as culturas indígena e espanhola. A personagem enfrenta conflitos internos e externos, sendo muitas vezes vista como traidora por sua própria gente e como uma figura controversa na história mexicana. Ao longo da narrativa, Esquivel analisa a trajetória de Malinche como um símbolo das complexas relações entre colonizadores e colonizados, bem como as tensões entre identidades culturais. Através da história de Malinche, a autora também examina temas como poder, linguagem, gênero e as consequências da conquista sobre os povos indígenas.

E é através da análise da obra de Esquivel que este trabalho propõe analisar a temática central e o conceito de dupla colonização, desenvolvido pelo pesquisador Thomas Bonnici (2000), em "Encontros coloniais na literatura de viagens no Brasil do século XVI", e de como essas abordagens podem ser desenvolvidas dentro da literatura latino-americana, em especial sob a luz das ideias do novo romance histórico que propõe trazer o debate acerca dessas vozes subjugadas para o campo literário.

É importante frisar que dentro das perspectivas dos estudos culturais, este trabalho se prontifica a trazer os estudos de gênero para o campo literário. Os estudos de gênero no campo literário são uma abordagem acadêmica que analisa as representações, construções e significados de gênero dentro da literatura. Essa perspectiva crítica busca compreender como as noções de masculinidade, feminilidade, identidades não-binárias e relações de poder de gênero são articuladas e refletidas nas obras literárias.

Este trabalho pretende explorar como as normas sociais de gênero são

internalizadas, questionadas ou subvertidas nas narrativas. Isso inclui a análise de estereótipos de gênero, representações do corpo, sexualidade, bem como a dinâmica de poder entre personagens de diferentes gêneros, analisando como as autoras Lugones (2014), Segato (2014), entre outras, abordam questões de identidade de gênero, como os personagens desafiam ou reproduzem papéis tradicionais de gênero e como as obras literárias podem refletir as mudanças culturais nas concepções de gênero ao longo do tempo, considerando o período histórico, social e cultural.

No penúltimo capítulo, são apresentadas outras considerações acerca da obra de Esquivel, trazendo discussões relevantes sobre a figura da personagem e seu papel social. Além disso, apresenta-se a ideia do Malinchismo e seu uso para a disseminação da ideia de Malinche como traidora, e de como isso também se solidificou na literatura.

Para finalizar a dissertação, no último capítulo são abordados os conceitos sobre Literatura e História, e de como essas áreas caminham juntas e se fazem fortemente presentes dentro da pesquisa. A literatura e a história se complementam, fornecendo diferentes lentes para examinar e interpretar o passado e o presente. Sendo áreas correlatas, é imprescindível a teorização sobre as discussões levantadas acerca das propostas literárias historiográficas. Para complementar, também é retratado o Malinchismo e o que outros escritores, como Galeano (1982) e Paz (1947), retratam a figura de Malinche, e o que se tem produzido teoricamente sobre a personagem e a obra de Esquivel para além dos estudos culturais e de gênero.

2. ROMANCE HISTÓRICO E TERMINOLOGIAS: ANÁLISES E DISCUSSÕES

2.1. DESENVOLVIMENTO DO ROMANCE HISTÓRICO

O romance histórico nos é apresentado por volta do século XIX, após o fim da era Napoleônica. Lukács (1954) relata que os primeiros indícios deste gênero literário foram retratados na obra *Ivanhoe*, de Walter Scott. A obra de Scott foi publicada pela primeira vez em 1820, tornando-se, com o tempo, um clássico da literatura inglesa por abordar o Reinado do Rei Ricardo Coração de Leão, tendo como contexto temporal o final do século XII. O enredo revisita características medievais, abordando temas como lealdade, intolerância religiosa, cavalheirismo e honra.

Os chamados romances históricos do século XVII (Scudéry, Calprenède, etc.) são históricos apenas por causa de seu tema puramente externo, por causa de sua vestimenta. A partir da psicologia dos personagens, compartilho também os hábitos profundamente retratados da época do escritor. (Lukács, 1954, p. 33).

É importante ressaltar que a preocupação inicial do gênero romance histórico, de acordo com Lukács, era a de extinguir um mito romântico baseado em emblemas voltados ao continente europeu, nos fazendo refletir que seu papel inicial não remete necessariamente a uma desmistificação histórica ou à responsabilidade, se podemos assim chamar, de retratar fielmente um período importante da história.

Ao refletirmos primordialmente sobre a visão de Lukács acerca desse gênero literário, observamos que, para o autor, não há ali uma necessidade de desmistificação ou retratação. No entanto, ao decorrer dos anos, há avanços sobre as propostas e características abordadas nesta temática. O pesquisador Fredric Jameson, em seu artigo "O romance histórico ainda é possível?" (2004), exposto em um simpósio na Califórnia voltado aos estudos do romance, em 2004, nos apresenta outra perspectiva.

O romance, portanto, não é apenas a representação de um período de transição histórica, mas também, e em larga medida, a encenação de uma revolução e uma contra-revolução; em outras palavras, de um daqueles eventos históricos paradigmáticos, como a própria guerra, que sempre devem estar no centro de um romance histórico — na minha opinião — para que ele se qualifique comotal. (Jameson, 2004, p. 188).

Além de sua crítica a Lukács e Scott acerca dos conceitos básicos que, ao seu ver, devem ser essenciais em uma obra dessa categoria, Jameson defende o que, para ele, deve ser considerado como um romance histórico e quais aspectos devem ser importantes para caracterizá-lo. O autor complementa que, para funcionar, ou seja, se enquadrar nessa estrutura, ele (o romance) não deve mostrar apenas existências individuais nem acontecimentos históricos, mas o encontro desses dois fatores (Jameson, 2004), e que:

O romance histórico, portanto, não será a descrição dos costumes e valores de um povo em um determinado momento de sua história (como pensava Manzoni); não será a representação de eventos históricos grandiosos (como quer a visão popular); tampouco será a história das vidas de indivíduos comuns em situações de crises extremas (a visão de Sartre sobre a literatura por via de regra); e seguramente não será a história privada das grandes figuras históricas (que Tolstói discutia com veemência e contra o que argumentava com muita propriedade). (Jameson, 2004, p. 192).

Trazer inicialmente essas perspectivas mais teóricas sobre o gênero literário em questão será importante para desenvolvermos nas próximas páginas outras ideias teóricas que modificaram a conceituação do romance histórico e sua importância não só como gênero literário, mas como fundamento para uma visão mais crítica das problemáticas levantadas sobre as características eurocêntricas do romance histórico que se estendem até o continente Latino-Americano.

2.2 DESENVOLVIMENTO DO ROMANCE HISTÓRICO NA AMÉRICA LATINA

2.2.1 O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

O novo romance histórico Latino-Americano manifestou-se a partir do século XX e tende a se concentrar em temas sociais e políticos importantes, como migração, diáspora, revisão histórica e feminismo, apresentando uma abordagem crítica da história oficial e do cânone literário dominante, que seria o compilado de obras literárias tidas como as mais importantes e influentes na cultura ocidental (Aínsa, 1993). Esse subgênero literário busca visitar personagens e eventos históricos marginalizados e esquecidos pela narrativa oficial, oferecendo uma nova interpretação da história da América Latina. Ao abordar novas perspectivas e abordagens para a história e cultura latino-

americanas, o novo romance histórico latino-americano desafia a ideia de que os fatos e a cultura da região são homogêneos, relatando a diversidade do continente.

Há outras temáticas a partir da perspectiva decolonial sobre o novo romance histórico, segundo Cristina Pons (1999), entre as quais me preocuparei em destacar três, que são relevantes dentro do campo da abordagem do novo romance histórico latino-americano: a primeira é a Migração e diáspora, tema recorrente e cada vez mais relevante, principalmente no que se compete à diáspora forçada devido à violência colonial, conflitos políticos ditatoriais e mudanças climáticas, trazendo à tona como o processo geográfico tem fundamental importância nos processos históricos.

A segunda temática refere-se à Revisão histórica, que iremos aprofundar mais adiante. A revisão crítica da história oficial tem sido uma oportunidade de tratar fatos que anteriormente já tinham sido considerados como verdades, mas que ao decorrer do tempo, houve uma necessidade maior de um aprofundamento histórico. E por último, a temática da literatura Feminista ou de gênero, que também abordaremos mais adiante. Os estudos de gênero vêm ganhando espaço dentro do ambiente acadêmico por trazer narrativas de mulheres subjugadas nesses processos conflituosos dentro do continente.

Os primeiros vestígios do novo romance histórico latino-americano são encontrados na obra de Alejo Carpentier, “El reino deste mundo”, publicado em 1949. A narrativa se passa no Haiti, durante a época da Revolução Haitiana, e relata a vida de Ti Noël, um escravizado que luta pela liberdade e acaba se envolvendo com o líder rebelde, Macandal, e posteriormente com o imperador haitiano, Henri Christophe. Através da narrativa de Ti Noël, o autor apresenta uma visão crítica da história haitiana, revisitando as questões raciais, políticas e religiosas que influenciaram o país durante esse período turbulento, trazendo também elementos do realismo mágico para retratar a cultura e a religião vodu da região, incorporando eventos históricos e personagens reais, já que o personagem principal é um homem negro num contexto escravocrata e a

revolução no Haiti.

A obra de Carpentier é considerada pioneira no subgênero literário romance histórico por sua desmistificação e distanciamento da narrativa eurocêntrica manifestada por muitos anos nas obras históricas literárias. Aínsa destaca algumas características fundamentais para essa nova forma de historicizar o romance, sendo elas:

- 1 - O novo romance histórico caracteriza-se por uma releitura crítica da história;
- 2 - A releitura proposta por este romance desafia a legitimidade estabelecida pelas versões oficiais da história. Nesse sentido, a literatura visa suprir as deficiências da historiografia tradicional, conservadora e preconceituosa, dando voz a tudo o que foi negado, silenciado ou perseguido pela história;
- 3- A multiplicidade de perspectivas possíveis faz com que não haja uma verdade única do fato histórico. A ficção enfrenta diferentes versões que podem até ser contraditórias (...) (Aínsa, 1991, p. 29-30, tradução nossa).

A princípio, Aínsa propõe uma releitura crítica da história, que nada seria além de uma abordagem questionadora das versões oficiais, precursoras e dominantes dos momentos históricos, e busca entendê-los a partir de perspectivas alternativas e não convencionais, envolvendo a reinterpretação dos fatos históricos, questionando as narrativas estabelecidas e dando voz às narrativas marginalizadas e subalternizadas. Como dito anteriormente, esse é um processo significativo para a compreensão dos eventos passados, dando novas perspectivas e vozes para o discurso histórico.

A seguir, no segundo ponto, o autor aborda a necessidade de suprir as deficiências da historiografia conservadora, pois se sabe que há, de fato, a necessidade de repercutir uma narrativa que emerge propriamente do continente Latino-Americano, onde os olhares estejam voltados para a história que foi produzida e reverberada ao passar dos anos.

No terceiro tópico, o crítico literário aborda as variadas perspectivas que um romance pode ter numa ficção, um compilado de ideias que podem convergir ou divergir a depender do público que é direcionado, revisitando que há uma multiplicidade de verdades em um contexto histórico, não apenas uma, e que essas verdades dependem necessariamente de quem as conta e quem as

recebe. Por muito tempo ouviu-se falar apenas em abordagens eurocêntricas, e ao serem comparadas com essas novas narrativas latino-americanas, observou-se uma divergência de fatos exorbitantes sobre o que acreditávamos há muito tempo como sociedade.

Mais adiante, Aínsa (1993) segue analisando as formas de conceituar e diferenciar o novo romance histórico, discute sobre a vocação historicista da narrativa, ou seja, a interação do romance com a história e desta com a narração.

Nesta perspectiva, estudam-se os "elementos históricos" da narrativa, o "ambiente histórico" que eles atrasam, os inevitáveis "momentos históricos" com os quais toda a ficção é contextualizada, "as marcas da historicidade" sobre as quais os "temas" são apoiados, ou "questões históricas" nas quais se baseiam tramas e argumentos (...). (Aínsa, 1993, p.14, tradução nossa).

Ou seja, para o autor, é essencial que essas obras, que embora sejam ficcionais, retratem processos e personagens históricos importantes, mesmo que todo o enredo esteja no campo da ficcionalização, a obra deve manter as marcas da historicidade (Aínsa, 1993). Pois, como já foi citado anteriormente, sempre houve uma historiografia conservadora, mas só ao decorrer dos séculos se obteve uma preocupação maior em reorganizar esses acontecimentos e buscar um diálogo através da multiplicidade de versões. Mais adiante, o escritor traz duas características essenciais para a distinção do novo romance histórico para o romance histórico tradicional.

- 1- Intenção histórica e intenção literária;
- 2- Tratamento do material: documentos e outras fontes históricas. (Aínsa, 1993, p.14, tradução nossa).

A primeira característica de divergência trazida por Aínsa se trata das intenções por trás de um autor ao desenvolver uma obra literária cujo intuito é abordar fatos históricos, pois o subgênero literário com o qual estamos trabalhando neste tópico se preocupa com a recriação dos elementos históricos, mas com a justificativa de trabalhar questões sociais e novas perspectivas sobre esse silenciamento que atingiu por muito tempo os continentes explorados. É importante ressaltar que é de ciência da autora deste trabalho que outros continentes e povos foram usurpados e colonizados além dos povos pré-colombianos, no entanto, a pesquisa atual se concentra apenas no território latino-americano.

Além de Aínsa, a pesquisadora María Cristina Pons também reflete em seu artigo “La novela histórica de fin del siglo XX: de inflexión literaria y gesto político a retórica de consumo” sobre os aspectos de intencionalidade do novo romance histórico quando diz: “sin duda, un aspecto inherente al género, su intencionalidad: la novela histórica siempre se escribe para algo o para alguien, en favor o en contra” (Pons, 1999, p.139). E é possível observar que para Pons e Aínsa, a intencionalidade é algo primordial, o que também acontece com o romance histórico europeu, mas aqui partimos do pressuposto de trabalhar recortes que assumam essa proposta de recontar alguns fatos.

Observa-se que no campo literário, a intencionalidade do escritor se refere àquilo que ele deseja transmitir por meio de sua obra, o seu “propósito” ao escrever um texto literário e a mensagem que deseja transmitir ao seu leitor. Sua manifestação na literatura é diversa, seja por meio do enredo, dos personagens, do estilo de escrita ou das escolhas linguísticas. A estratégia intencional desse subgênero já foi mencionada anteriormente, mas através da leitura de Pons pode-se compreender que é um processo necessário para a caracterização teórica do novo romance histórico.

A autora exemplifica os motivos pelos quais se teve essa avalanche (no boom e pós-boom, que serão mencionados posteriormente) de “novas teorias” no mundo contemporâneo Latino-Americano, Pons relata que os anos 70 foi a década da ação revolucionária, das grandes utopias e um passo importante para os letrados Latino-Americanos (Pons, 1999), como exemplifica adiante:

Se a década de 1970 é para a América Latina a década da crise política, a de 1980 é a da crise econômica, na qual se experimenta um decréscimo econômico (embora seja importante esclarecer que as elites se beneficiaram durante este período, enquanto a maioria empobreceu). Além do autoritarismo estatal da década de 1970 e da crise econômica dos anos 80, este período será caracterizado, em nível global, por uma série de fatores; entre outros, pelo processo de "globalização" devido à crescente transnacionalização da economia, política e cultura, e pela emergência dos movimentos sociais de resistência (movimentos ecológicos, feministas, etc.). (Ponz, 1999, p. 146, tradução nossa).

O contexto dos anos 70 na América Latina engajou um processo de reflexão também no campo literário, permitindo buscar uma literatura que refletisse os processos históricos do continente, trazendo muitos escritores para a produção crítica e social dentro do contexto político vivenciado. Recordar-se que foi um período de regimes políticos autoritários e repressivos, sendo a literatura utilizada como forma de denúncia e resistência a esses regimes. Muitos escritores buscavam criar uma escrita que representasse a voz das classes subalternas e que questionasse a estrutura social vigente, sendo o novo romance histórico pertinente para essa alternativa de revolucionar as letras.

Como destacado anteriormente, o novo romance histórico surge dessa alternativa de enfrentamento e valorização do que se havia esquecido no continente, de relatos de obras sobre os estudos literários latino-americanos para que se constitua uma análise crítica do passado, resposta para o presente e alternativas para o futuro. Suas características e representações para a literatura têm grande peso para o processo de conscientização do que ocasionou essa crise civilizatória que foi a ditadura militar na América Latina.

2.3 O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO

Para dialogar com o novo romance histórico latino-americano, apresentarei o romance histórico contemporâneo de mediação, que se assemelha às características históricas, mas tem o viés mais editorial. Seria, de acordo com Fleck (2007; 2017), uma modalidade literária apresentada nas duas últimas décadas do século XX, sendo considerada uma nova forma teorizada para escrever o romance histórico. Essa nova proposta traz a fusão entre a história e a ficção, além de características compartilhadas com outras facetas do romance histórico (Fleck; Albuquerque, 2019). Para os teóricos, houve duas fases do romance histórico preponderantes para o desenvolvimento da sua teoria, que são:

Primeira fase – A crítica: aquela em que predominam o romance clássico scottiano e o romance histórico tradicional, vigentes, o primeiro, até meados do século XX, e o segundo até os dias atuais. Segunda fase- A Crítica desconstrucionista: aquela em que predominam o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica, inaugurada a partir da segunda metade do século XX e

ainda característica em obras recentes.
(Fleck; Albuquerque, 2019, p. 124).

Segundo Fleck e Albuquerque, as obras classificadas como romance histórico de mediação seriam aquelas que não configuram uma crítica radical à história tradicional, mas também não compactuam com a narrativa tradicional tida como verdadeira (Fleck; Albuquerque, 2019). Ou seja, consistem em uma forma de mediar esses conflitos teóricos, sendo uma mediação entre a construção crítica e perspectivas mais tradicionais. Fleck, em sua obra "O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo", classifica seis características principais para esse novo subgênero literário.

1. Construção da verossimilhança, em grande medida abandonada pelas narrativas do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica, para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos narrados no romance;
2. Linearidade cronológica dos eventos recriados, fixando-se neles, sem deixar de manipular o tempo da narrativa;
3. As visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos, como o fazem muitos novos romances históricos e metaficções historiográficas;
4. Linguagem amena e fluída em oposição ao barroquismo e ao experimentalismo linguístico dos novos romances históricos;
5. Utilização de recursos como a paródia e a intertextualidade;
6. Presença de elementos meta narrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, sem que estes se constituam no sentido global do texto (Fleck, 2017, p. 109-111).

O autor relata que, nessa perspectiva, trabalha-se uma tentativa de conciliação com as outras modalidades dos romances históricos anteriores (Fleck; Albuquerque, 2019). No entanto, através dessas seis características, pode-se notar que há, intencionalmente, um distanciamento consciente da proposta do novo romance histórico latino-americano, embora caminhem juntos na crítica anticolonialista. Fleck relata que há uma intenção de conciliação com as obras anteriores (Fleck, 2007), mas também uma forma de manter sua individualidade.

[...] em sua elaboração não se abandonam os processos que constituem as características essenciais do novo romance histórico latino-americano, por exemplo, o emprego de estratégias como o da paródia e toda a 'sinfonia bakhtiniana', descrita por Menton (1993), além de algumas das questões fundamentais da metaficção historiográfica; porém o texto volta a ser mais linear, já que o emprego das estratégias que constituem os modelos mais experimentalistas passa a ser mais moderado. Isso torna seu processo de leitura mais acessível ao leitor comum, pois não há nele o exagero experimental

que caracteriza o modelo de romance histórico das décadas de 80 e 90, especialmente no contexto latino-americano. (Fleck, 2007, p. 162).

Há diferenças claras no que tange às características dessas duas propostas (do novo romance histórico latino-americano e do romance histórico contemporâneo de mediação), pois se nota que o autor, ao repensar essa nova forma de historicizar o romance, o fez de forma que se apartasse esteticamente das ideias anteriores para viabilizar uma identificação maior com o leitor, como, por exemplo, a ausência de um narrador para introduzir pensamentos e falas dos personagens (Fleck, 2007).

A ideia de mediação proposta pelo teórico baseia-se nessa arbitragem entre estilos do “passado” e novas formas de leitura do presente, o que de fato se torna interessante ao imaginar uma maior contemplação de identificação do público que vai além do campo investigacional e se expande para os leitores comuns. No entanto, o autor afirma que não há nesse subgênero uma proposta de crítica radical à história tradicional, o que nos faz pensar, como pesquisadores anticoloniais e decoloniais, o que seria essa “crítica radical à história tradicional.”

É importante afirmar que este trabalho tem por objetivo seguir as propostas apresentadas por Fernando Aínsa acerca do novo romance histórico latino-americano, e, por isso, se baseará em críticas consideradas mais radicais no que tange a essa nova proposta contemporânea, pois reparações históricas literárias não são radicalismos, mas ressignificação da história.

3 RECONTANDO A HISTÓRIA: AS VOZES SUBJUGADAS QUE ECOAM NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

3.1 A VOZ DE MALINCHE

Malinche, de Laura Esquivel, teve sua primeira publicação no ano de 2006. A obra parte da ideia de revisionismo da história da indígena Nahua, que teve participação significativa durante o período da invasão das Américas. São muitos os romances que se baseiam em uma “realidade” da relação entre Malinche e Cortés, pois ainda se sustenta esse ideal romântico de que dentro da relação interracial que o espanhol e a indígena mantinham haveria algum tipo de paixão do conquistador por Malinche, e se havia dela, poderíamos dizer que está mais atrelada a uma síndrome de Estocolmo do que amor propriamente dito. Em uma das cartas escritas por Hernán à coroa espanhola, ele cita Malinche, que foi batizada e nomeada como Marina, apontando-a **como intérprete e presente dado** (Cortés, 1986), pois era o que parecia verdadeiramente representar para ele.

Le respondí que yo era el capitán del que habían hablado los tabasqueños y que si quería saber la verdad, solo tenía que preguntárselo a la intérprete con la que hablaba, Marina, que siempre viajaba conmigo después de habérsela dado como regalo con otras veinte mujeres. (Cortés, 1986, p.376).

¹É partindo da ideia dessa relação de poder entre colono e colonizado que se baseia a narrativa de Esquivel. A autora se preocupa em trabalhar precisamente uma das características primordiais trazidas por Aínsa, que é a de dar voz a personagens silenciados ou perseguidos pela história (Aínsa, 1991, p. 29-30). A obra se propõe a reescrever a história de Malinche sob a ótica da mulher indígena colonizada, ultrapassando esse ideal romântico e trazendo um olhar crítico para quem foi Malinche, quais seus propósitos e quais escolhas ela teve acerca do que lhe foi apresentado.

Um fator importante a ser destacado é que a indígena, antes de ser enviada como um presente para Cortés, era escravizada pelos astecas, fator

¹ Eu respondi que eu era o capitão sobre o qual os tabasqueños haviam falado e que, se ele quisesse saber a verdade, só precisava perguntar à intérprete com quem eu estava falando, Marina, que sempre viajava comigo depois de tê-la dado como presente, juntamente com outras vinte mulheres. (Cortés, 1986, p.376, tradução nossa).

que contribuiu para a propagação da ideia de que ela se sujeitava a traduzir para os espanhóis como forma de vingança. Além disso, é possível observar que a escritora busca desmistificar a figura de “bom moço” da qual era investido o colonizador, como podemos observar:

Lo colocaron como monaguillo en la iglesia, pero no pasó de ahí, **tal vez porque su carácter no se prestaba para servir a Dios de esa manera.** Por último, Cortés asistió a la Universidad de Salamanca, donde aprendió latín y estudió por algún tiempo leyes. (Esquivel, 2006, p.8, grifo meu).

Havia uma crença de que o deus Quetzalcóatl retornaria. Esse deus, para os povos mesoamericanos, é o criador do universo e de muitas outras coisas importantes, como a agricultura, o conhecimento e a ciência, e que, por ter seu trono usurpado por outro deus (Tezcatlipoca), promete retornar através do mar para recuperar seu trono e restabelecer a paz. Podemos observar que Malinalli acredita veementemente no retorno do deus Quetzalcóatl.

Esta idea la llenaba de esperanza. Eso significaba que en el infinito cosmos que la rodeaba, su padre y su abuela estaban tan presentes como cualquier otro astro; que era posible su regreso. Como lo era el del señor Quetzalcóatl. Con la diferencia de que el regreso de su padre y su abuela sólo la beneficiaría a ella y el regreso de Quetzalcóatl, por el contrario, modificaría por completo el rumbo de todos los pueblos que los mexicas¹ tenían sojuzgados. (Esquivel, 2006, p. 10).

A crença no possível retorno de Quetzalcóatl foi fundamental para o processo de “conquista” na América Central, mas a tal crença trabalhada na narrativa pelos povos pré-colombianos, inclusive pela personagem, que ansiava pela volta do deus (Esquivel, 2006, p. 10), nos faz começar a pensar em outra possibilidade acerca das histórias contadas sobre a dominação ocorrida aos povos mesoamericanos, que se distingue da ideia de passividade dos indígenas frente aos espanhóis, trazida pela narrativa tradicional.

Na narrativa, Malinalli, seu povo e seus antepassados, como sua avó e seu pai, acreditavam que o período mais justo e feliz ocorreu no governo de Quetzalcóatl porque não havia sacrifícios humanos (Esquivel, 2006).

La idea de que los sacrificios humanos eran necesarios le parecía aberrante, injusta, inútil. A Malinalli le urgía tanto el regreso del señor Quetzalcóatl —principal opositor de los sacrificios humanos— que hasta estaba dispuesta a creer que su dios tutelar había elegido el cuerpo de los recién llegados a estas tierras para que ellos le dieran forma a su espíritu, para que ellos lo albergaran en su interior.

(Esquivel, 2006, p. 10-11).²

A diversidade de perspectivas, incluindo a crença no retorno de um deus para acabar com os sacrifícios humanos, nos faz entender que dentro da narrativa de Esquivel, um dos primeiros motivos que nos leva a pensar sobre a possível passividade de Malinalli em relação a Cortés foi a crença religiosa. A chegada dos espanhóis pelo mar foi confundida com o mito do retorno do deus Quetzalcóatl, que tinha prometido, como mencionado anteriormente, voltar pelo mar para restaurar seu trono e pôr fim aos sacrifícios, levando à queda do governo de Montezuma. Como retratado pela narradora: “ Malinalli sonrió al recordar a la abuela. Tal vez ella también estaría de acuerdo en que los extranjeros venían de parte de los dioses.” (Esquivel, 2006, p. 11)³. Observemos adiante:

No podía ser de otra manera. Los rumores que recorrían casas, pueblos y aldeas afirmaban que esos hombres blancos, barbados, habían llegado empujados por el viento. Todos sabían que al señor Quetzalcóatl sólo se le podía percibir cuando el viento estaba en movimiento. ¿Qué mayor indicio podían esperar para comprobar que venían en su representación que el haber sido empujados por el viento? No sólo eso: algunos de los hombres barbados coronaban sus cabezas con cabellos rubios, como los del elote. ¿Cuántas veces ellos, en las ceremonias de celebración, se habían teñido el pelo de amarillo para ser una perfecta representación del maíz? Si la apariencia del cabello de los extranjeros semejaba la de los cabellos de elote, era porque representaban al maíz, al regalo que Quetzalcóatl había dado a los hombres para su sustento. Por tanto, el cabello rubio que cubría sus cabezas podía interpretarse como un signo de lo más propicio. (Esquivel, 2006, p. 11).⁴

² A ideia de que os sacrifícios humanos eram necessários parecia a Malinalli aberrante, injusta e inútil. Ela ansiava tanto pelo retorno do senhor Quetzalcóatl, o principal opositor dos sacrifícios humanos, que estava até disposta a acreditar que seu deus tutelar tinha escolhido o corpo dos recém-chegados a estas terras para que eles moldassem seu espírito, para que eles o abrigassem em seus interiores. (Esquivel, 2006, p. 10-11, tradução nossa).

³ "Malinalli sorriu ao lembrar da avó. Talvez ela também concordasse que os estrangeiros vinham em nome dos deuses." (Esquivel, 2006, p. 11, tradução nossa)

⁴ Não poderia ser de outra maneira. Os rumores que percorriam casas, povoados e aldeias afirmavam que esses homens brancos e barbados tinham chegado impulsionados pelo vento. Todos sabiam que ao senhor Quetzalcóatl só era possível perceber quando o vento estava em movimento. Que maior sinal poderiam esperar para comprovar que vinham em sua representação do que terem sido impulsionados pelo vento? E não apenas isso: alguns dos homens barbados coroavam suas cabeças com cabelos loiros, semelhantes aos do milho. Quantas vezes eles, nas cerimônias de celebração, tinham tingido seus cabelos de amarelo para serem uma representação perfeita do milho? Se a aparência do cabelo dos estrangeiros se assemelhava à dos cabelos de milho, era porque representavam o milho, o presente que Quetzalcóatl havia dado aos homens para seu sustento. Portanto, o cabelo loiro que cobria suas cabeças poderia ser interpretado como um sinal muito auspicioso. (Esquivel, 2006, p. 11, tradução nossa).

Para a personagem, o milho também representava bondade, alimento e força de espírito (Esquivel, 2006). Mais adiante, a autora relata os oito presságios que indicavam a queda do império de Montezuma e a chegada do deus Quetzalcóatl:

El primero de ellos fue una espiga de fuego que apareció en la noche y que parecía estar dejando caer gotas de fuego sobre la tierra. El segundo presagio fue el incendio que destruyó el templo de Huitzilopochtli, el dios de la guerra, sin ninguna explicación, sin que nadie hubiese encendido el fuego y sin que nadie lo pudiese apagar. El tercero fue un rayo mortal que cayó sobre un templo de paja perteneciente al Templo Mayor de Tenochtitlan; fue un golpe de sol que surgió de la nada, pues apenas caía una leve llovizna. El cuarto presagio fue la aparición en el cielo de una capa de chispas que de tres en tres formaban una larga túnica que atravesaba todo el cielo con su larga cola, saliendo por donde se mete el sol y dirigiéndose hacia donde éste sale. La gente al verlo daba alaridos de espanto. En el quinto presagio, hirvió el agua en una de las lagunas que rodeaban el valle del Anáhuac. El agua hirvió con tal furia y se levantó tan alto que destruyó las casas. El sexto presagio fue la aparición de Cihuacóatl, la mujer que se oía llorar por las noches diciendo: «¡Hijitos míos! ¿adonde los llevaré? ¡Tenemos que irnos lejos!». El séptimo presagio fue la aparición de un ave desconocida que unos hombres que trabajaban en el agua encontraron y llevaron ante la presencia de Moctezuma. Era un pájaro ceniciento, como una grulla, que tenía en la cabeza un espejo. Sí se miraba a través de él, se podía ver el cielo y las estrellas. Cuando Moctezuma miró por segunda vez el espejo, vio en la cabeza del ave a varias personas que se peleaban entre sí y lo tomó como un pésimo presagio. Y el octavo y último presagio fue la aparición de gentes deformes que tenían dos cabezas o estaban unidas por el frente o la espalda y que después de que Moctezuma las veía, desaparecían. (Esquivel, 2006, p.13).⁵

É muito claro que essa associação, de acordo com a narrativa, foi fundamental para que os espanhóis conseguissem entrar na cidade de

⁵ O primeiro deles foi uma espiga de fogo que apareceu à noite e parecia estar deixando cair gotas de fogo sobre a terra. O segundo presságio foi o incêndio que destruiu o templo de Huitzilopochtli, o deus da guerra, sem nenhuma explicação, sem que ninguém tivesse acendido o fogo e sem que ninguém pudesse apagá-lo. O terceiro foi um raio mortal que caiu sobre um templo de palha pertencente ao Templo Maior de Tenochtitlan; foi um golpe de sol que surgiu do nada, pois mal caía uma leve garoa. O quarto presságio foi a aparição no céu de uma camada de faíscas que, de três em três, formavam uma longa túnica que atravessava todo o céu com sua longa cauda, saindo por onde o sol se põe e indo em direção aonde ele nasce. As pessoas, ao verem isso, gritavam de pavor. No quinto presságio, a água fervia em uma das lagoas que cercavam o vale de Anáhuac. A água fervia com tamanha fúria e subia tão alto que destruía as casas. O sexto presságio foi a aparição de Cihuacóatl, a mulher que se ouvia chorar à noite, dizendo: "Meus filhinhos! Para onde os levarei? Temos que ir para longe!". O sétimo presságio foi a aparição de um pássaro desconhecido que alguns homens que trabalhavam na água encontraram e levaram à presença de Moctezuma. Era um pássaro acinzentado, como uma grua, que tinha na cabeça um espelho. Se alguém olhasse através dele, podia ver o céu e as estrelas. Quando Moctezuma olhou pela segunda vez no espelho, viu na cabeça do pássaro várias pessoas que brigavam entre si, e ele interpretou como um presságio terrível. E o oitavo e último presságio foi a aparição de pessoas deformadas que tinham duas cabeças ou estavam unidas pela frente ou pelas costas, e depois que Moctezuma as via, elas desapareciam. (Esquivel, 2006, p.13, tradução nossa).

Tenochtitlan sem muitas retaliações de Montezuma, já que o mesmo se encontrava paralisado pelo medo. Outrora, teria aniquilado os invasores antes mesmo de pisarem no seu reino (Esquivel, 2006). O romance traz à tona a possibilidade de recontar esse fato histórico crucial na América Latina, mostrando aos leitores uma visão completamente diferente da estabelecida pela historiografia conservadora eurocêntrica, como já mencionamos anteriormente.

A escritora consegue dar voz à figura de Malinche, que quase não se ouvia durante os relatos dos “conquistadores”, e propõe uma nova narrativa que vai muito além de só justificativas, mas de fatos que nos permitem refletir sobre a história e sobre essa figura que para muitos é tão controversa. Além de retratar questões de violência de gênero sofridas por Malinalli e outras mulheres indígenas (que serão trabalhadas mais adiante nesta dissertação), Esquivel relata todo um contexto claramente possível para abordar essa outra versão dos fatos que não traz a indígena como uma menina apaixonada ou ludibriada com o falso poder que lhe atribuem, mas como produto do meio da exploração que foi a colonização.

Malinche sofreu diversos abusos por parte de Cortés, teve seu corpo colonizado, sua cultura e sua voz, pois até a sua fala foi usurpada e servida para os colonizadores.

. É extremamente importante que novas propostas sejam abordadas dentro do romance histórico latino-americano, porque trazem ao espectador a possibilidade de refletir além dos fatos idealizados e tidos como “concretos”, e também a desmistificação dessa figura histórica que foi covardemente tratada como símbolo pejorativo em um povo, quando ao menos não se preocuparam em refletir minimamente o óbvio: que uma mulher indígena durante o período da conquista das Américas não tinha nenhuma importância para os espanhóis, e que Malinalli não passava de um objeto, tanto que após isso ela foi obrigada por Cortez a se casar com outro espanhol e seguir a vida que escolheram para ela, sem a sua liberdade.

3.1.1 OUTRA REPRESENTAÇÃO ACERCA DE MALINCHE

Há muitos relatos, obras e autores que tratam da invasão das Américas, mais conhecida como “colonização”, e de fato, muitos romances históricos

abordam essa narrativa, mas a apresentam de forma persuasiva. Entre eles, está a escritora Frances Sherwood, em sua obra “La noche triste”. O livro foi publicado em 2008, narrando a história de Malinche (chamada de Malintzin). Toda a narrativa de Sherwood se concentra apenas no ideal romântico da relação de violência sofrida por Malinche com Cortés. É possível observar na obra uma representação apelativa do invasor, ou “conquistador”, como um homem cavalheiro, heroico e imponente, e é isso que a escritora faz com Cortés, como podemos observar no trecho a seguir:

Cortés não tinha medo de nada, nem queria morrer, embora não quisesse dizer nada em público. (...) Cortés esteve presente com Velázquez quando conquistou Cuba dos índios Arawak em 1511. Esteve presente no período mais difícil da luta. (Sherwood, 2008, p. 38).

A ilustração da figura do colonizador como heróico é um fator alimentado por muitos escritores, como Sherwood, que trabalha esse processo histórico com passividade para que a narrativa se apresente de forma a “cair no gosto” do público. Isso revisita não só a falta de sensibilidade, mas o retrato da falta de comprometimento com análises históricas e a humanização e normalização desses personagens, fazendo com que o leitor aceite com naturalidade processos de violência e terror enfrentados ao longo dos anos nos países dominados. Esse processo de civilizar atos de terror ao longo dos séculos tem sido perigoso não apenas por fragilizar as partes envolvidas, mas por perpetuar falácias e agressões.

Além do processo de romantização dessas figuras enigmáticas desse contexto histórico, a autora também propõe uma amenização ou suavização de atos de violência ocorridos durante o período da dominação das Américas, em alguns trechos justificando esses abusos como “fragilidade masculina” (Sherwood, 2008), pois como comenta a escritora em sua narrativa, “o homem tem suas debilidades, ao contrário, seria Deus” (Sherwood, 2008, p. 41). Não satisfeita em eufemizar todas essas atrocidades, ela segue:

Mas que homem não é fraco quando se trata de mulheres? E a questão das mulheres nativas, que ele descobrira depois de muitos encontros secretos e de ocasionais gravidezes indesejadas, era esta: elas se submetiam em silêncio. (Sherwood, 2008, p.41).

Neste trecho, observa-se que não há necessidade de trazer uma

abordagem crítica ou retratação sobre o ocorrido, apenas reforçar o imaginário eurocêntrico de conquista e violações. Podemos observar na narrativa de Sherwood três pontos importantes que inviabilizam o processo crítico desse gênero literário: o primeiro é a ficção histórica, comum em muitas obras que relatam o século XVI, fazendo com que a autora não se afaste muito das características do romance histórico europeu ao eufemizar situações de violência. O segundo ponto são os estereótipos culturais, que retratam a mulher indígena como primitiva, bárbara e vulnerável a situações de abuso, além do processo de sexualização do corpo feminino indígena, como podemos observar:

[...] as nativas não eram delicadas nem presunçosas [como as espanholas]. Na verdade, não insistiam em ser cortejadas, nem contavam com a proteção intrometida de alguma mãe ambiciosa. Verdade seja dita: as índias eram sábias, dotadas de um saber capaz de provocar um verdadeiro redemoinho, como a lua no mar, na zona erógena de um homem plenamente maduro [Cortés], de 33 anos. (Sherwood, 2008, p.14).

Essa associação perigosa, se assim podemos chamar, e violenta de tratar o corpo indígena como objeto de desejo faz parte da personificação clara da xenofobia e dos processos de estereótipos culturais violentos, que romantizam a cultura dos invasores e suavizam as atrocidades cometidas aos povos originários, em destaque as mulheres. E por fim, sua perspectiva claramente eurocêntrica, a partir da qual exalta esses atos ferozes e não se propõe a criticar os fatos, apenas repassar informações sem muita base teórica e histórica do que para ela foi o processo de “conquista” das Américas e construir um romance baseado em uma “fanfic” europeia.

É possível observar com clareza que muitos fatores foram negligenciados nesta obra, que são: a diversidade cultural, pois frequentemente negligencia ou minimiza a complexidade das sociedades indígenas antes da chegada dos europeus; reforço aos estereótipos e preconceitos, a falta de conhecimento e a disseminação de estereótipos culturais prejudiciais, que contribuem para a perpetuação do preconceito e da discriminação contra os povos indígenas.

Além disso, o reconhecimento crítico de narrativas históricas, reverberando uma tradição historiográfica que se ocupou de glorificar os conquistadores europeus, minimizando ou justificando as atrocidades

cometidas contra os povos indígenas. A obra também carece de um aprofundamento crítico, já que apresenta uma versão simplificada e romantizada dos eventos históricos, sem questionar a lógica e as motivações por trás da colonização.

Alguns escritores podem usar eventos históricos reais como enredo para sua narrativa, mas eles possuem liberdade para modificar a história para servir a trama ou criar personagens interessantes, não sendo a exatidão histórica uma prioridade para esses autores. Por isso, considera-se importante analisar a complexidade histórica: a história da conquista das Américas é complexa e heterogênea, envolvendo culturas, idiomas e perspectivas diferentes. É importante considerar que nem todas as análises serão propriamente consideradas “decolonizadas” pelo público leitor e tampouco alguns autores sentirão a necessidade, em seu processo de escrita, de introduzir ao leitor um pensamento crítico. No entanto, como a figura de Malinche já vem sofrendo retaliações no imaginário social há um tempo, reforçar esse ideal romântico é também reforçar a romantização da usurpação dos corpos na conquista das Américas.

A narrativa de Esquivel e a de Sherwood se propõem a apresentar a história da indígena via textos históricos, no entanto, Sherwood apresenta essa narrativa mediante históricos de textos com caráter historiográficos tradicionais e conservadores, sem a discussão ou elaboração crítica acerca da imagem de Malinche e sua relação com Cortés.

Dito isto, o próximo capítulo se propõe a analisar de forma crítica a obra de Esquivel, "Malinche" (2006), e trazê-lo à luz de pesquisadoras como Lugones (2014) e Segato (2014). Tais autoras se propõem a trabalhar com as imposições de gênero trazidas pelo processo de colonização e de como o ideal de gênero e patriarcado influenciaram no processo de conquista de corpos e cultura das mulheres indígenas.

4. A DUPLA COLONIZAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA INVASÃO DAS AMÉRICAS

É sabido que o período de invasão das Américas, muitas vezes referido como “descobrimto” das Américas, trouxe um processo de reformulação cultural para todo o continente, sendo abruptamente atingido pela colonização. Sabe-se que o objetivo desse processo de conquista era usurpar o território e estabelecer todo o controle político e cultural da região, o que de fato ocorreu. Também é notório que suas consequências perduram até os dias atuais, sendo uma delas o processo de controle promovido sobre os corpos das mulheres que anteriormente foram colonizadas, mais precisamente, as mulheres indígenas.

Para começar, este capítulo pretende abordar a ideia de dupla colonização, mais precisamente a dupla colonização da mulher indígena na invasão das Américas. Existem algumas possibilidades que nos fazem refletir sobre esse novo conceito de ser duplamente colonizado, para um território, ter sido submetido a uma colonização dupla, sendo invadido por um povo e posteriormente por outro, trazendo um processo de fusão cultural, além da violência ocorrida, de duas ou mais sociedades distintas.

Pode-se também trazer a ideia de dupla colonização cultural, que possui uma característica semelhante com a anterior, ou seja, a imposição cultural trazida pela conquista que afetou diretamente a cultura dos povos ameríndios e outros que ali sofreram, fazendo com que houvesse a manifestação de mais de uma cultura regional, e uma superioridade entre elas, sendo a do dominador tida como a melhor, algo observável com clareza nos países sujeitos ao processo de colonização.

Antes de dar início à análise da obra, tratarei de conceituar mais precisamente o que seria a ideia de dupla colonização voltada para as discussões de gênero. A proposta de trazer a sugestão acerca da ideia de dupla colonização surgiu do questionamento do pesquisador Thomas Bonnici, quando disse que “se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-

coloniais, foi duplamente colonizada.” (Bonnici, 2000, p. 16). E, além disso, em seu artigo em parceria com Pagoto (2007), afirma:

A mulher é a metáfora da colônia. Enquanto o colonizador volta os olhos e seu poder para as terras a serem conquistadas, visando-as como território a ser penetrado e explorado materialmente, o homem, por analogia, vê o corpo da mulher como uma colônia: um corpo que pode, assim, ser penetrado e usufruído como um território geográfico. O homem mostra, portanto, seu poderio das duas maneiras, o que explica a expressão duplamente colonizada atribuída às mulheres: tanto como colonizador de terras quanto da mulher, é ele quem domina e exerce seu poder sob ambas. (Bonnici e Pagoto, 2007, p. 151).

A partir disso, podemos entender que a dupla colonização feminina vai além do domínio cultural e territorial sofrido durante a invasão das Américas, mas também dos estupros aos quais as mulheres foram submetidas para saciar as vontades dos invasores de seus territórios. Bonnici, em seu texto, reflete sobre o processo de dominação sofrido pelas mulheres negras ao analisar a obra "Escrava Isaura", de Bernardo Guimarães, mas como mencionado anteriormente, irei abordar esta temática retratando os conflitos sofridos pelas mulheres indígenas.

Há teorias recentes que trabalham a ideia de que não havia o conceito de patriarcado dentro dos povos colonizados e que as posições de gênero não eram divididas entre masculino e feminino, como conhecemos hoje, sendo a colonização a principal causa do patriarcado entre os povos colonizados. Maria Lugones, em seu artigo "Rumo a um Feminismo Decolonial", disserta sobre a imposição criada pelo colonizador sobre a divisão de gênero que conhecemos hoje como macho e fêmea, e que assim se dava a nomenclatura porque os povos escravizados não eram sequer considerados humanos, mas comparados a animais, e a classificação se daria conforme a desumanização desses povos.

Eu compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são

homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. (Lugones, 2014, p. 936).

A autora relata que essa desumanização também fez parte da conquista, sendo mais uma forma de inferiorizar os povos subjugados, utilizada como uma das armas de crueldade pelo homem europeu para se sobressair sobre aqueles que agora seriam seus escravos.

A missão civilizatória, incluindo a conversão ao cristianismo, estava presente na concepção ideológica de conquista e colonização. Julgar os/as colonizados/as por suas deficiências do ponto de vista da missão civilizatória justificava enormes crueldades. Proponho interpretar, através da perspectiva civilizadora, os machos colonizados não humanos como julgados a partir da compreensão normativa do “homem”, o ser humano por excelência. Fêmeas eram julgadas do ponto de vista da compreensão normativa como “mulheres”, a inversão humana de homens. Desse ponto de vista, pessoas colonizadas tornaram-se machos e fêmeas. Machos tornaram-se não-humanos-por-não homens, e fêmeas colonizadas tornaram-se não-humanas por-não-mulheres. Conseqüentemente, fêmeas colonizadas nunca foram compreendidas como em falta por não serem como-homens, tendo sido convertidas em viragos. Homens colonizados não eram compreendidos como em falta por não serem como-mulheres. (Lugones, 2014, p. 936).

De fato, concordo com Lugones sobre esse processo de desumanização ocasionada pela invasão europeia, e é notório que essa ideia trazida pelos europeus de aproximação dos povos colonizados com a bestialidade e selvageria são estigmas que perduram até hoje como uma das conseqüências da colonização. No entanto, há um ponto em que discordo da autora, mas por seguir outra linha de investigação, que é a ideia de sistema de gênero. Observemos o que afirma a escritora para, em seguida, refletirmos sobre:

O sistema de gênero é não só hierárquica, mas racialmente diferenciado, e a diferenciação racial nega humanidade e, portanto, gênero às colonizadas Irene Silverblatt, Carolyn Dean, Maria Esther Pozo e Johnni Ledezma, Pamela Calla e Nina Laurie, Sylvia Marcos, Paula Gunn Allen, Leslie Marmon Silko, Felipe Guaman Poma de Ayala e Oyeronke Oyewumi, entre outros, **permitem-me afirmar que o gênero é uma imposição colonial**. Não apenas por se impor sobre a vida vivida em sintonia com cosmologias incompatíveis com a lógica moderna das dicotomias, mas também por habitar mundos compreendidos, construídos. E, conforme tais cosmologias, animaram o entre-outros/as em resistência a partir da diferença colonial e em sua tensão extrema. (Lugones, 2014, p. 942, grifo meu).

A pesquisadora, junto com outras investigadoras, traz a afirmação de que o gênero foi uma imposição colonial trazida pelos europeus, nos fazendo

entender que não haveria nenhuma imposição de gênero antes da dominação. No entanto, trazendo para a perspectiva dos povos pré-colombianos, discordo dessa afirmação e da generalização trazida pela autora. Foram incontáveis populações invadidas e persuadidas, cada uma com suas peculiaridades culturais, mas destaco aqui a sociedade Asteca como exemplo dessa distinção de gênero já existente, como afirma Segato (2014).

Em contrapartida, a investigadora Rita Segato analisa o patriarcado como um sistema de poder que opera em diferentes contextos culturais (2014). Ela argumenta que o patriarcado é um sistema de dominação que oprime e subordina as mulheres em muitas sociedades, incluindo comunidades indígenas. Segato também aborda as complexidades e particularidades das comunidades indígenas, levando em consideração o contexto histórico, social e cultural específico no qual o patriarcado se manifesta nessas comunidades, reconhecendo que as dinâmicas de gênero podem variar significativamente entre diferentes grupos indígenas e que o processo de descolonização e resistência ao patriarcado deve ser sensível às especificidades culturais.

Como antropóloga e feminista, ela se aprofundou em questões de gênero, violência e patriarcado nas sociedades latino-americanas, inclusive dos povos pré-colombianos, examinando o patriarcado como um sistema de dominação de gênero que operava nessas sociedades indígenas antes da chegada dos colonizadores europeus.

Segato argumenta que é fundamental entender o patriarcado nas sociedades pré-colombianas dentro de seus próprios contextos históricos, culturais e sociais, em vez de aplicar uma visão eurocêntrica que não leva em consideração as dinâmicas específicas dessas culturas, enfatizando que a interpretação ocidental do patriarcado não pode ser simplesmente sobreposta às sociedades indígenas, pois isso ignoraria suas próprias formas de organização social, poder e relações de gênero (2014).

Ao mergulhar na história dos povos pré-colombianos, é possível destacar a clara diferença que se impõe aos gêneros, considerando-os como uma sociedade hierárquica e patriarcal. A mulher indígena, antes da conquista espanhola, não tinha voz nem autonomia sobre seus corpos (Segato, 2014), o que reforça a tese de Rita Segato (2014), que afirma a existência patriarcal

entre essas sociedades, com base em fatos históricos e etnográficos, mesmo que seja de menor intensidade que o patriarcado atual (Segato, 2014).

Dados documentais, históricos e etnográficos do mundo tribal mostram a existência de estruturas de diferença reconhecíveis semelhantes ao que chamamos de relações de gênero na modernidade, que incluem claras hierarquias de prestígio entre masculinidade e feminilidade, representadas por figuras que podem ser entendidas como homens e mulheres. Apesar do caráter reconhecível das posições de gênero, neste mundo há aberturas mais frequentes de trânsito e circulação entre essas posições, o que é proibido em seu equivalente ocidental moderno.

(Segato, 2014, p. 117, tradução nossa).

Segato afirma a existência desse mundo pré-patriarcal entre os povos originários antes da conquista das Américas como a existência de um processo de “superioridade” masculina que norteou a raça humana ao longo dos séculos, o que ela chama de “patriarcado pré-histórico da humanidade” (Segato, 2014). A autora destaca a masculinidade como um status, onde existiam diversas características e julgamentos para que o sujeito fosse considerado masculino, um deles é a força física.

A pesquisadora declara que essa predominância entre gêneros existia, mas está longe do que conhecemos na modernidade, ou seja, do patriarcado que o homem branco europeu veste, enfatizando que, para evitar o problema de gênero na perspectiva dos povos originários, houve uma troca errônea e perigosa, que afetou todo o processo de relações entre as sociedades divergentes com as quais estamos acostumados.

A partir da perspectiva de Segato, ao trabalharmos a divisão estrutural dos povos pré-colombianos, percebemos que existia um sistema hierárquico e cultural que foi negligenciado durante a conquista das Américas. Mulheres foram dadas de presente para assinar um "pacto" político, ou seja, troca de "favores" e mistura étnica entre os povos, estreitando as relações. Ao aceitar o "presente" para selar os acordos com os povos originários, as tropas de Cortés utilizaram essas mulheres (algumas de famílias nobres) como escravas domésticas e sexuais, fazendo-as transitar entre todos os soldados, tratando-as com desdém e misoginia, usufruindo de seus trabalhos e comparando-as com as prostitutas da Espanha. O oposto da atitude esperada de quem recebe algo como um "tratado de paz".

Não se pode afirmar se esse patriarcado de baixa intensidade, como relata a autora, caso não houvesse a colonização, seria benéfico ou não para as mulheres indígenas pré-colombianas. O que se pode declarar é que as formas de dominação foram invertidas, e a chegada do patriarcado que conhecemos hoje em nossa sociedade trouxe uma consequência cultural que extrapolou os limites temporais, estabelecendo limites e hierarquias raciais para as mulheres não brancas, que sofrem até hoje com outras formas de colonização de seus corpos.

O que se pode afirmar a partir disso é a forma com que essa dinâmica de invasão influenciou todo um processo “patriarcal” já existente, alterando as formas como as culturas pré-colombianas exerciam essa função dentro de seus povos. Seria anacrônico dizer sob a ótica de uma sociedade hierarquizada e pós-colonizada o quão problemático esse regimento patriarcal pré-colonial influenciava na vida das indígenas pertencentes àquela cultura porque são discussões visualizadas a partir de um olhar influenciado pela destruição causada nos ritos dessas populações.

No entanto, a modificação dessa estrutura de fato corroborou para o processo de dupla colonização das mulheres indígenas pré-colombianas, embora houvesse outras formas de violência em que as mesmas eram submetidas em suas comunidades, o pertencimento cultural ainda se fazia presente, estavam acompanhadas de uma tradição, que aos nossos olhos podem parecer absurdas e vãs, mas ainda assim era um sistema que podemos visualizar como patriarcal e que se tornou muito pior no que diz respeito às questões de gênero e de cultura sofrida. No próximo capítulo, me aprofundarei em mais detalhes sobre esses processos de violência sofridos e sua representação no campo literário.

4.1 MALINCHE E OS SIGNOS

A colonização e a pós-colonização trouxeram diversas consequências que podem ser observadas até hoje. Nesse processo de conhecimento acerca das violências sofridas e das suas reverberações àqueles que fazem parte de uma minoria constantemente atingida pelos efeitos dessas usurpações, pode-se perceber os danos causados ao gênero feminino, mais precisamente às

mulheres indígenas. O processo de colonização não atingiu somente a cultura, mas também os corpos dessas mulheres.

Este trabalho, mais precisamente este capítulo, pretende analisar como essas violências de gênero são destacadas na literatura, especificamente na obra de Esquivel. O papel social da literatura vai muito além de trazer prazer ao leitor, mas por vezes confrontá-los, modificá-los, expandir sua perspectiva e também informá-los, evidenciando processos que foram negligenciados ao longo da história. Hoje, a literatura torna audíveis essas vozes femininas silenciadas por tantos séculos, os gritos ancestrais suprimidos por outras vozes dominantes, mas o ecoar emergiu, e agora iremos ouvi-las.

A primeira parte da narrativa de Esquivel, chamada “Al viento”, começa nos relatando o nascimento da personagem, que coincidiu com fortes ventos, relâmpagos e muita chuva, além do aparecimento de uma serpente prateada no céu, sendo esse animal a representação do deus Quetzalcoatl.

Llovió toda la tarde y toda la noche y al día siguiente también. Durante tres días no cesó de llover. Llovió tanto, que los sacerdotes y sabios del Anáhuac se alarmaron. Ellos estaban acostumbrados a escuchar y a interpretar la voz del agua pero en esa ocasión sintieron que Tláloc, el dios de la lluvia, no sólo trataba de decirles algo sino que, por medio del agua, había dejado caer sobre ellos una nueva luz, una nueva visión que daría otro sentido a sus vidas, y aunque aún no sabían claramente cuál era, así lo sentían en sus corazones. (Esquivel, 2006, p. 5).⁶

Coincidentemente, nesse dia tão enigmático, nasceu Malinche, por um parto difícil, sendo recebida ao mundo pela sua avó, que também era parteira de grande experiência. O curioso é que ao nascer, a menina “nasceu com o cordão umbilical entre os lábios, como uma serpente amordaçando a boca da criança” (Esquivel, 2006, p. 5, tradução nossa), sendo para sua avó uma mensagem do deus Quetzalcóatl.

Em um primeiro momento, podemos observar que a ligação da personagem com Quetzalcóatl não é coincidência, pois, como já relatei anteriormente, a serpente emplumada (um dos nomes mais conhecidos desse

⁶ Choveu durante toda a tarde, toda a noite e no dia seguinte também. Por três dias, a chuva não parou. Choveu tanto que os sacerdotes e sábios do Anáhuac ficaram alarmados. Eles estavam acostumados a ouvir e interpretar a voz da água, mas desta vez sentiram que Tláloc, o deus da chuva, não apenas estava tentando lhes dizer algo, mas através da água, havia lançado sobre eles uma nova luz, uma nova visão que daria outro sentido às suas vidas. Embora ainda não soubessem claramente qual era, sentiam isso em seus corações. (Esquivel, 2006, p. 5, tradução nossa).

deus), fazia parte de uma crença que abrangia a família da protagonista. Segundo essa crença, o deus Quetzalcóatl voltaria para Tenochtitlan e salvaria todo o povo dos sacrifícios humanos. O início da vida de Malinche já é cercado por uma predestinação religiosa, porque de fato não é comum no dia do seu nascimento receber dois sinais do deus Quetzalcóatl, que representa a “liberdade” de seu povo ao mesmo tempo, além de tê-lo recebido ao redor de sua boca, que seria a “responsável” por todo o desenrolar da história.

É interessante que esses fatos místicos sejam abordados logo no começo da narrativa para que o leitor se apegue à importância da simbologia e dos sinais, pois ao longo da história esses fatores serão fundamentais para compreender os caminhos traçados pela personagem, que, como tantas outras mulheres, não obteve “escolha” sobre si. No entanto, no que tange aos presságios e aos sinais, observemos que após a dificuldade de seu nascimento, sua avó presente algo.

La recién nacida, hija del tlatoani de Painala, fue recibida por los brazos de su abuela paterna. La abuela presintió que esa niña estaba destinada a perderlo todo, para encontrarlo todo. Porque solamente alguien que se vacía puede ser llenado de nuevo. En el vacío está la luz del entendimiento, y el cuerpo de esa criatura era como un bello recipiente en el que se podían volcar las joyas más preciosas de la flor y el canto de sus antepasados, pero no para que se quedaran eternamente ahí sino para ser recicladas, transformadas y vaciadas de nuevo. (Esquivel,2006, p. 5).⁷

Envolta de todos os sinais que precedem o seu parto, as afirmações que sua avó fez sobre ela, além de premonições futuras, há outro marco importante para Malinche: o ritual do seu nascimento, que era comum a todos os recém-nascidos de sua etnia. Ali se daria a sua apresentação aos deuses e decifriariam as nuances que envolveriam seu destino. A cerimônia foi feita por sua avó, pois conforme a tradição, a menina deveria ser apresentada por quem fez o parto. “— A partir de hoy serás llamada Malinalli, ese nombre será tu sino, el que por nacimiento te corresponde “ (Esquivel,2006, p. 7).

⁷ A recém-nascida, filha do tlatoani de Painala, foi recebida nos braços de sua avó paterna. A avó pressentiu que aquela menina estava destinada a perder tudo, para encontrar tudo. Porque somente alguém que se esvazia pode ser preenchido novamente. Na ausência está a luz do entendimento, e o corpo daquela criança era como um belo recipiente no qual as joias mais preciosas da flor e do canto de seus antepassados podiam ser depositadas, mas não para permanecerem eternamente lá, e sim para serem recicladas, transformadas e esvaziadas novamente. (Esquivel, 2006, p. 5, tradução nossa).

É interessante observar que a trama, nesse primeiro momento, nos envolve como leitores a nos atentarmos à importância das simbologias e dos significados que essa celebração possui, e como esse primeiro momento irá retratar o futuro da personagem, pois muitas evocações e profecias são feitas acerca da voz de Malinche, que é uma peça simbólica para a conquista das Américas. Observemos o que diz seu pai no ritual:

En ese momento, el padre de Malinalli sintió en su mente una inspiración que no le pertenecía y en lugar de continuar con las tradicionales palabras de bienvenida, su lengua habló con otro canto: —Hija mía, vienes del agua, y el agua habla. Vienes del tiempo y estarás en el tiempo, y tu palabra estará en el viento y será sembrada en la tierra. Tu palabra será el fuego que transforma todas las cosas. Tu palabra estará en el agua y será espejo de la lengua. Tu palabra tendrá ojos y mirará, tendrá oídos y escuchará, tendrá tacto para mentir con la verdad y dirá verdades que parecerán mentiras. Y con tu palabra podrás regresar a la quietud, al principio donde nada es, donde nada está, donde todo lo creado vuelve al silencio, pero tu palabra lo despertará y habrás de nombrar a los dioses y habrás de darle voces a los árboles, y harás que la naturaleza tenga lengua y hablará por ti lo invisible y se volverá visible en tu palabra. Y tu lengua será palabra de luz y tu palabra, pincel de flores, palabra de colores que con tu voz pintará nuevos códigos (Esquivel, 2006, p. 7).⁸

A princípio, esse não seria o cântico de apresentação, pois eles já eram pré-definidos, mas o pai de Malinche, como citado, sentiu uma inspiração “divina” para modificar a tradição, evocando palavras que vinham do seu íntimo. Esse primeiro processo de Esquivel de nos apresentar as predestinações que envolvem o futuro de Malinche nos parece à primeira vista uma tentativa de justificação para o que viria mais para frente. Vale salientar que é uma justificativa válida, porque é uma forma de retirar uma culpa histórica que permeia por anos a figura de Malinalli. No entanto, é importante frisar que na sociedade em que se passava esse contexto histórico, não haveria outra possibilidade para a jovem além da morte ou serventia.

Embora o romance não trate explicitamente dos processos de dominação,

⁸ Naquele momento, o pai de Malinalli sentiu em sua mente uma inspiração que não lhe pertencia, e em vez de prosseguir com as tradicionais palavras de boas-vindas, sua língua falou com outro canto: — Minha filha, você vem da água, e a água fala. Você vem do tempo e estará no tempo, e sua palavra estará no vento e será semeada na terra. Sua palavra será o fogo que transforma todas as coisas. Sua palavra estará na água e será espelho da língua. Sua palavra terá olhos e verá, terá ouvidos e ouvirá, terá tato para mentir com a verdade e dirá verdades que parecerão mentiras. E com sua palavra, poderá retornar à quietude, ao princípio onde nada é, onde nada está, onde tudo criado volta ao silêncio, mas sua palavra o despertará e você terá que nomear os deuses e dar vozes às árvores, e fará com que a natureza tenha língua e fale por você o invisível, tornando-se visível em sua palavra. E sua língua será palavra de luz, e sua palavra, pincel de flores, palavra de cores que, com sua voz, pintará novos códigos. (Esquivel, 2006, p. 7, tradução nossa).

também acredito que esse não seja o principal foco da autora, mas sim a proposta de recriar a história mediante uma nova perspectiva. No entanto, alguns fragmentos nos mostram como a narrativa apresenta os fatores de dominação impostos às mulheres pré-colombianas nesse período. O primeiro processo para a anulação da identidade dos povos originários foi o batismo, algo que ocorreu tanto para homens quanto para mulheres. No caso de Malinche, no momento de seu sacramento, ela interligou as semelhanças que havia com os rituais de seu povo, acreditando que ali seria mais um sacramento trazido pelos enviados de Quetzalcoatl, o que de fato nos faz refletir que poderia ser uma possibilidade de associação entre os indígenas da época.

Era plena primavera cuando bautizaron a Malinalli. Ella vestía toda de blanco. No había otros colores en su vestido, pero sí volúmenes en su bordado. Malinalli sabía la importancia del bordado, del hilado y del arte plumario y había elegido para la ocasión un huípil ceremonial, lleno de significados, que ella misma había elaborado (...) Para ella, la ceremonia del bautizo era muy importante y le emocionaba profundamente saber que para los españoles también. Asimismo, sus antepasados acostumbraban su realización, pero a su manera. Su abuela se la hizo cuando ella nació y se suponía que a los trece años se la tenían que haber realizado de nuevo, pero nadie lo hizo. Malinalli lo lamentó mucho. (Esquivel, 2006, p. 19).⁹

O batismo, que ao início da vida da personagem obteve tanto significado, já não significava nada além de sua introdução à fé cristã como primeira forma de dominação. Mesmo com a tentativa de conciliar as tradições e buscar semelhanças com os rituais que já lhe foram apresentados, Malinche se desmotiva ao saber que nada ali se aproximava de suas tradições, nem mesmo seu novo nome, Marina, obtinha algum significado.

Cuando la ceremonia terminó, Malinalli se acercó a Aguilar, el fraile, para preguntarle cuál era el significado de Marina, el nombre que le acababan de poner. El fraile le respondió que Marina era la que provenía del mar. —¿Sólo eso? —preguntó Malinalli. El fraile respondió con un simple: —Sí. La desilusión se dibujó en sus ojos. Ella esperaba que el nombre que le estaban adjudicando los enviados de Quetzalcóatl tuviera un significado mayor. No se lo estaban poniendo unos simples mortales que desconocían por completo el profundo significado del universo, sino unos iniciados, como ella suponía. Su

⁹ Era plena primavera quando batizaram Malinalli. Ela estava vestida toda de branco. Não havia outras cores em seu vestido, mas sim volumes em seu bordado. Malinalli entendia a importância do bordado, do fio e da arte plumária, e escolheu para a ocasião um huípil cerimonial, cheio de significados, que ela mesma havia elaborado (...) Para ela, a cerimônia do batismo era muito importante, e a emocionava profundamente saber que também o era para os espanhóis. Da mesma forma, seus antepassados costumavam realizar essa cerimônia, mas à sua maneira. Sua avó a fez quando ela nasceu, e supunha-se que aos treze anos deveria ter sido realizada novamente, mas ninguém o fez. Malinalli lamentou muito isso. (Esquivel, 2006, p. 19, tradução nossa).

nombre tenía que significar algo importante. Insistió con el fraile, pero la única respuesta adicional que obtuvo fue que lo habían elegido porque Malinalli y Marina guardaban cierta similitud fonética. (Esquivel, 2006, p. 21).¹⁰

A clara desilusão de Malinche nos faz refletir como esse primeiro processo de usurpação cultural foi doloroso, pois o apagamento das raízes culturais corrobora para a aniquilação total de um povo, sendo essa a primeira forma de colonização. Em nome dos sacramentos católicos, Malinche passará a ser Marina, que há, de fato, alguma semelhança além de fonética com seu nome de origem, mas não é a nomenclatura que os deuses trouxeram para ela.

Nessa primeira parte de dominação imposta pelos invasores, há também a negação das crenças religiosas e das cerimônias que eram de costume daquele povo, algo que também pode ser observado na narrativa e que soa de maneira alegórica por Malinche, pois a todo momento ela usa de comparações para trazer de volta sua identidade cultural para aquele novo momento em que está inserida.

Le había encantado escuchar en el sermón previo al bautizo —que Aguilar mismo había traducido para todos ellos— que los españoles les pedían que no se siguieran dejando engañar con dioses falsos que exigían sacrificios humanos. Que el dios verdadero que ellos traían era bueno y amoroso y nunca les exigiría algo por el estilo. A los ojos de Malinalli ese dios misericordioso no podía ser otro que el señor Quetzalcóatl que con ropajes nuevos regresaba a estas tierras para restaurar su reino de armonía con el cosmos. Le urgía darle la bienvenida, hablar con él. (Esquivel, 2006, p. 22).¹¹

Nota-se que esse processo de comparação entre os signos religiosos foi um facilitador (de maneira negativa) para a “aceitação” da dominação que lhe

¹⁰ Quando a cerimônia terminou, Malinalli se aproximou de Aguilar, o frade, para perguntar qual era o significado de Marina, o nome que acabavam de lhe dar. O frade respondeu que Marina era aquela que vinha do mar. — Só isso? — perguntou Malinalli. O frade respondeu com um simples: — Sim. A desilusão se refletiu em seus olhos. Ela esperava que o nome que os enviados de Quetzalcóatl estavam lhe dando tivesse um significado mais profundo. Não estava sendo dado por simples mortais que desconheciam completamente o significado profundo do universo, mas por iniciados, como ela imaginava. Seu nome deveria significar algo importante. Malinalli insistiu com o frade, mas a única resposta adicional que obteve foi que o escolheram porque Malinalli e Marina guardavam certa semelhança fonética. (Esquivel, 2006, p. 21, tradução nossa).

¹¹ Ela tinha adorado ouvir no sermão anterior ao batismo — que Aguilar mesmo havia traduzido para todos eles — que os espanhóis pediam que não continuassem a ser enganados por deuses falsos que exigiam sacrificios humanos. Que o verdadeiro Deus que eles traziam era bom e amoroso e nunca exigiria algo assim. Aos olhos de Malinalli, esse Deus misericordioso não podia ser outro senão o senhor Quetzalcóatl, que retornava a essas terras com vestes novas para restaurar seu reino de harmonia com o cosmos. Ela estava ansiosa para recebê-lo, para falar com ele. (Esquivel, 2006, p. 22, tradução nossa).

foi imposta, afinal, havia presságios, sonhos, rituais e tantas outras semelhanças com o que Malinche acreditava ter como verdade, que o processo de dominação cultural, a princípio, não foi um motivador para que ela questionasse o que ali lhe seria imposto. É interessante refletir também quais seriam as outras possibilidades que Malinche teria caso suas dúvidas acerca da imposição religiosa surgissem logo ao princípio, que outro caminho a mesma teria?

Muitos questionamentos são levantados acerca da imagem da indígena pela demonstração da tal “passividade” que lhe foi acometida durante todo esse processo de conquista e os caminhos que traçou com os espanhóis sendo sua intérprete, questionamentos que a mim me parecem anacrônicos, pois com todas as violências acometidas às mulheres nativas naquela época, o histórico de violência já sofrido por ser uma escrava, haveria outra possibilidade além da “submissão”? Pensar que haveria outra forma de escape para Malinche é não se atentar aos fatos e à sociedade em que a personagem estava inserida, a responsabilizando por atrocidades que não cometeu.

Ao decorrer da narrativa, a personagem começa a refletir acerca dos maus agouros que lhe cercavam, além dos espanhóis serem as más energias ali chegadas, um fator interessante fez com que Malinalli começasse o seu processo de reflexão sobre a possibilidade de estar fazendo algo errado. Ao ser dada como um presente para Portocarrero, um dos homens do conquistador Hernán Cortés, e tentar acender o fogo para fazer o alimento, a jovem logo percebe uma certa dificuldade em acender a fogueira com um dos símbolos de Quetzalcóatl (Esquivel, 2006, p. 24):

Malinalli sabía allegarse al fuego como nadie. No tenía problemas para encenderlo, sin embargo, en esa ocasión el fuego parecía estar enojado con ella. La cruz de Quetzalcóatl se negaba a encender. Malinalli se preguntó el motivo. ¿Estaría enojado el señor Quetzalcóatl con ella? ¿Por qué? Ella no lo había traicionado, todo lo contrario. Había participado en la ceremonia del bautizo con la mente impregnada de su recuerdo. Es más, ¡desde antes de la ceremonia! Pues recordó que al entrar al templo donde se ofreció la misa, su corazón brincó de emoción al ver en el centro del altar una cruz, que para ella era la del señor Quetzalcóatl, pero que los españoles consideraban como propia, y no pudo evitar conmoverse. En ningún momento había traicionado sus creencias. Sin embargo, el ocote se negaba a obedecer y ése era

un mal augurio.(Esquivel, 2006, p. 24).¹²

A falta de resposta traz o primeiro questionamento acerca das ações de Malinche, o que haveria de errado com suas atitudes? De fato, o que lhe acontecera não foi nada além do que lhe foi obrigado a fazer, e que assim o fez, por obrigação. Em alguns momentos, mesmo tentando justificar as atitudes de Malinalli com as semelhanças de suas crenças, a autora faz com que, em algum momento, o leitor reflita se haveria a possibilidade da personagem ter agido de forma diferente.

De fato, me parece que a intencionalidade da obra gira em torno dessa “justificativa” acerca dos sinais impostos e recebidos durante esse processo, e não há obrigação nenhuma da escritora em reverter o seu processo criativo e tratá-lo de outra forma, pois há a necessidade da reformulação da imagem histórica de Malinche, como já foi citado anteriormente, por todos os estigmas que trazem o seu nome. Mas trazer margem para que o leitor pense, por algum momento, que naquela situação haveria outra saída além da morte é desconsiderar que papel cada figura tinha no processo de conquista.

Ali, não havia nada mais que um dominador impondo suas crenças aos povos conquistados, os tratando indiferentemente e colonizando até mesmo suas verdades, e isso Esquivel traz à tona ao falar sobre o que pensava Cortés acerca de Malinche: "(...) le parecía muy extraño hablar de cuestiones religiosas con ella. A fin de cuentas, no era más que una india a su servicio." (Esquivel, 2006, p. 28). E esse era verdadeiramente o papel que Malinche exercia para Cortés e seus soldados; não só ela, como as outras mulheres ali presentes, tiveram que se “purificar” de pecados que nem sequer existiam em suas concepções religiosas, apartando-as de seus ideais e seus sacramentos e demonizando-os, trazendo a fé católica como a verdadeira. Nesse sentido, retrata Cortés:

—¡Qué puedes saber tú de Dios! Tus dioses exigen toda la sangre del

¹² Malinalli sabia se aproximar ao fogo como ninguém. Não tinha problemas para acendê-lo, no entanto, dessa vez o fogo parecia estar zangado com ela. A cruz de Quetzalcóatl se recusava a acender. Malinalli se perguntou o motivo. Estaria o senhor Quetzalcóatl zangado com ela? Por quê? Ela não o havia traído, muito pelo contrário. Tinha participado da cerimônia de batismo com a mente impregnada de sua lembrança. Além disso, desde antes da cerimônia! Pois ela se lembrou que, ao entrar no templo onde foi celebrada a missa, seu coração pulou de emoção ao ver no centro do altar uma cruz, que para ela era a do senhor Quetzalcóatl, mas que os espanhóis consideravam como própria, e ela não pôde deixar de se comover. Em nenhum momento ela havia traído suas crenças. No entanto, o ocote se recusava a obedecer, e isso era um mau presságio. (Esquivel, 2006, p. 24, tradução nossa).

mundo para existir; en cambio a nosotros Dios nos la entrega en cada comunión. Nosotros bebemos su sangre. (Esquivel, 2006, p. 24).¹³

A narrativa expõe como foi conturbado para a personagem começar a compreender que todos esses estigmas, que anteriormente se tratavam de sinais trazidos por suas divindades, seriam apenas um dos processos de colonização a que ela e seu povo seriam submetidos: a colonização religiosa e cultural, as afirmativas sobre um Deus que não lhe fora apresentado anteriormente em seus sacramentos, mas que ainda assim estavam dispostos a recebê-lo. O que Malinche não sabia era que, em nome desse Deus que Cortés clamava ser o verdadeiro, se desenrolaria uma das maiores atrocidades já vistas no mundo: a usurpação do que se conhecia como “certo” e uma forma de dominação pelo medo, pelo ideal de pecado trazido com o cristianismo.

No próximo tópico, abordarei como a escritora retrata as violências de gênero cometidas contra Malinche e as outras indígenas durante esse processo, que seria a segunda forma de colonização: a do corpo.

4.1 OBSERVAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS LITERÁRIOS DECOLONIAIS

Antes de adentrar no romance de Laura Esquivel, irei elucidar um ponto de vista teórico relevante para o campo literário atual, sendo os estudos decoloniais. De acordo com Toledo (2021), "decolonialidade" é um termo designado a um campo de estudos que também é um movimento social, que busca desafiar as estruturas coloniais e promover uma nova forma de perspectiva descentralizada do domínio e da opressão colonial herdada do período da invasão das Américas. Esse termo surge como uma crítica ao legado do colonialismo, que ainda se mantém influente nas sociedades contemporâneas, não somente na exploração econômica trazida pelo capitalismo exacerbado, mas também em relação às hierarquias raciais, culturais, sociais e epistêmicas.

Tal campo de estudos questiona os fundamentos do pensamento ocidental dominante, moldado por séculos de colonização e busca descolonizar

¹³ — O que você pode saber sobre Deus! Seus deuses exigem todo o sangue do mundo para existir; enquanto a nós, Deus nos entrega em cada comunhão. Nós bebemos o seu sangue. (Esquivel, 2006, p. 24, tradução nossa).

os sistemas de conhecimento, as estruturas políticas, econômicas e culturais que foram impostas pelas potências coloniais. Além disso, revisita a necessidade de reconhecer as múltiplas formas de opressão, que também foram trazidas com a colonização, preocupando-se, para além do campo teórico, em provocar as estruturas políticas dominantes neoliberais que promovem até hoje uma dinâmica de exploração que ecoa, no capitalismo, formas de colonialidade.

A princípio, destacarei a pesquisadora Catherine Walsh, conhecida por suas contribuições ao campo dos estudos decoloniais e pós-coloniais voltados à educação na América Latina. Walsh, em sua obra colaborativa com Walter D. Mignolo (2018), critica as estruturas coloniais e a persistência do colonialismo na América Latina, argumentando que a decolonização é fundamental para alcançar o que se foi perdido com a usurpação europeia na região.

Walsh e Mignolo (2018), na obra *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*, destacam a necessidade de uma perspectiva pluriversal, que reconheça a diversidade de formas de conhecimento e epistemologias existentes nas culturas indígenas e afrodescendentes, silenciadas por muito tempo em nosso continente. Enfatizam também que a decolonialidade não se trata tão somente de extinguir as estruturas coloniais, mas de construir alternativas para valorizar os saberes e práticas locais (Walsh e Mignolo, 2018).

Dentro do campo literário, os estudos decoloniais se centralizam na análise crítica das narrativas coloniais e pós-coloniais, discutindo como o fazer literário contesta as estruturas de poder colonial e busca formas de decolonização.

Os estudos decoloniais questionam as narrativas dominantes que perpetuam estereótipos, visões exóticas ou estigmatizantes sobre as culturas colonizadas e buscam ampliar a diversidade de vozes e perspectivas.

Na literatura, os estudos decoloniais visam ecoar a voz das comunidades marginalizadas, fazendo também um processo de resistência, além da multidisciplinaridade que engloba essa teoria.

Malinche, a partir da ideia de dupla colonização, parte dessa nova perspectiva decolonial: a de retratar as vozes silenciadas que agora vão poder manifestar-se através do campo literário, enfatizando os estudos de gênero.

4.2 MALINCHE E O CORPO: A OUTRA FORMA DE COLONIZAR

Através da narrativa de Sherwood, pode-se observar a tentativa do foco meramente romântico entre a relação de Cortés e Malinche, a demonização de sua imagem e o seu nome atrelado a insultos. Embora, ao longo do texto, já se tenha apresentado outras perspectivas acerca do que foi essa relação e de como se solidificou esse mito do colonizador apaixonado, este tópico destrinchará um pouco mais essa dominação violenta a que Malinalli foi submetida.

Há relatos que dialogam sobre a romantização dessa relação que retrata Malinche como uma traidora de seu povo e glorifica a colonização espanhola, sendo a figura da indígena frequentemente retratada como sedutora, que teria traído os astecas ao se unir a Cortés, reverberando sua imagem de “traidora” para muitos mexicanos (Montanon, 2017), mas que ignoram o desequilíbrio de poder e as consequências negativas da colonização para os povos indígenas.

Por outro lado, há quem defenda que a relação entre Cortés e Malinche foi mais complexa do que a mera traição, induzindo que a personagem tenha usado sua posição para proteger sua comunidade como mediadora, a colocando como uma figura ambígua que navegou entre os dois mundos, aproveitando as oportunidades que surgiram em um contexto de conquista e sobrevivência.

No entanto, esses diálogos complexos precisam reconhecer que a interpretação da relação de Cortés e Malinche pode variar dependendo da perspectiva histórica e cultural de quem analisa. Esses parâmetros de relações românticas heteronormativas utilizados para analisar essa relação não podem ser afirmados como verdades, apenas especulações que podem ser discutidas ao estudar a sociedade e o contexto da época, mas que ainda não passam de especulações, pois se trata da particularidade do ser humano e suas esferas mais profundas de sobrevivência, e quanto a isso, só o mesmo pode afirmar.

No entanto, o que se pode afirmar com clareza é que durante o período de colonização as mulheres indígenas enfrentaram inúmeras formas de violências sexuais perpetradas pelos colonizadores, sendo resultado do poder que os dominadores exerceram sobre seus corpos. Foram vítimas de estupro

e abuso sexual por parte dos europeus, não só individualmente quanto em larga escala, como ocorreu com Malinche ao ser dada como mulher primeiro para um dos soldados de Cortes, sendo obrigada a se deitar com ele, e esse processo soou como parte de estratégias de dominação e subjugação dos povos indígenas.

O estupro era usado como uma ferramenta de intimidação, humilhação e controle, visando desestabilizar as comunidades e exercer domínio sobre seus corpos e territórios, sendo as mulheres pré-colombianas frequentemente escravizadas e forçadas a servir como concubinas ou escravas sexuais, tratadas como objetos sexuais, privadas de sua autonomia e dignidade, e frequentemente separadas de suas famílias e comunidades de origem.

Essas primeiras considerações acerca do ocorrido às mulheres pré-colombianas são necessárias para que se desenvolva um olhar crítico sobre a análise mais profunda da obra, que se trata das violações ocorridas com Malinche. É notório que Esquivel não escancara bruscamente o que de fato foi a violação ao corpo dessas mulheres, em principal a Malinche, mas alguns fragmentos da sua obra são importantes para refletir, além das anacronias, do que realmente se tratava essas relações.

O primeiro aspecto de dominação corporal que podemos encontrar na obra de Esquivel é a forma com que Malinche é apresentada para um dos soldados de Cortés, para que o servisse:

Sin embargo, su atracción por las mujeres era irrefrenable y le significaba un enorme esfuerzo controlar su instinto, así que para evitar tentaciones, decidió destinar a esa india al servicio de Alonso Hernández Portocarrero, noble que lo había acompañado desde Cuba y con quien quería quedar bien. Darle una india a su servicio era una forma de halago. A todas luces Malinalli sobresalía entre las demás esclavas, caminaba con seguridad, era desenvuelta e irradiaba señorío (Esquivel, 2006, p. 24).¹⁴

É interessante notar que ao se tratar do uso das mulheres indígenas para seus prazeres, o conceito de pecado e de impureza é ignorado pelos mesmos

¹⁴ No entanto, sua atração por mulheres era irresistível e significava um esforço enorme para controlar seu instinto, então, para evitar tentações, decidiu destinar essa índia ao serviço de Alonso Hernández Portocarrero, um nobre que o acompanhava desde Cuba e com quem ele queria se dar bem. Oferecer-lhe uma índia para seu serviço era uma forma de elogio. Claramente, Malinalli se destacava entre as outras escravas, caminhava com segurança, era desenvolta e irradiava distinção. (Esquivel, 2006, p. 24, tradução nossa).

que impuseram sua religião e seu Deus como o verdadeiro, tendo a mesma religião e o mesmo Deus proibido relações extra-conjugais e sexo antes do casamento.

Fujam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete; mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo. Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos? (1 Coríntios 6, p. 18).

Fica claro que esse primeiro ato, o de colocá-la como serva, que para além das coisas básicas, seria uma serva sexual, pela religião dos colonizadores, era um ato de pecado. É fato que os mesmos não se importavam com isso, o que nos faz refletir sobre os questionamentos trazidos anteriormente por Lugones: que essa imoralidade soaria como permissiva para os mesmos por não considerar que as mulheres fossem humanas (Lugones, 2014). Mesmo sendo batizadas, eram negligenciadas em cumprir os dogmas impostos da religião que foram obrigadas a seguir, sendo o sexo antes do matrimônio um desses dogmas. Após perceber a facilidade que Malinche tinha em aprender novas línguas, Cortés a tomou para si:

Malinalli necesitaba de ese silencio para crear nuevas y sonoras palabras. Las palabras justas, las que fuesen necesarias. Hacía poco, había dejado de servir a Portocarrero, su señor, pues Cortés la había nombrado «la lengua», la que traducía lo que él decía al idioma náhuatl y lo que los enviados de Moctezuma hablaban del náhuatl al español. Si bien era cierto que Malinalli había aprendido español a una velocidad extraordinaria, de ninguna manera podía decirse que lo dominara por completo. Con frecuencia tenía que recurrir a Aguilar para que la ayudara a traducir correctamente y lograr que lo que ella decía cobrara sentido tanto en las mentes de los españoles como de los mexicas. (Esquivel, 2006, p. 28).¹⁵

Malinche não só o servia como objeto sexual, mas como parte de seu corpo, sua língua também foi “colonizada”, e ao andar com Cortés para que servisse como sua tradutora, a mesma foi considerada como “língua de

¹⁵ Malinalli precisava desse silêncio para criar novas e sonoras palavras. As palavras certas, aquelas que fossem necessárias. Havia pouco tempo, ela deixara de servir a Portocarrero, seu senhor, pois Cortés a havia nomeado "a língua", a que traduzia o que ele dizia para o idioma náuatle e o que os enviados de Moctezuma falavam do náuatle para o espanhol. Embora fosse verdade que Malinalli tinha aprendido espanhol a uma velocidade extraordinária, de forma alguma poderia dizer-se que o dominava completamente. Com frequência, ela tinha que recorrer a Aguilar para ajudá-la a traduzir corretamente e garantir que o que ela dizia fizesse sentido tanto nas mentes dos espanhóis quanto dos mexicas. (Esquivel, 2006, p. 28, tradução nossa).

Cortés”, aquela que traduzia as mensagens dos espanhóis para os indígenas e vice-versa:

Ser «la lengua» era una enorme responsabilidad. No quería errar, no quería equivocarse y no veía cómo no hacerlo, pues era muy difícil traducir de una lengua a otra conceptos complicados. Ella sentía que cada vez que pronunciaba una palabra uno viajaba en la memoria cientos de generaciones atrás. Cuando uno nombraba a Ometéotl, el creador de la dualidad Ometecihlti y Omecihuatl, el principio masculino y femenino, uno se instalaba en el momento mismo de la Creación. Ése era el poder de la palabra hablada. (Esquivel, 2006, p. 28).¹⁶

Na narrativa, observa-se uma Malinche “entusiasmada” com seu novo ofício e suas obrigações, o que talvez possa abrir uma discussão acerca das intenções da personagem com seu novo papel. Isso de fato pode ser uma afirmação verdadeira, mas ainda assim não a coloca no papel de vilã, pois continuava servindo aos espanhóis também como objeto sexual.

Ella, la esclava que en silencio recibía órdenes, ella, que no podía ni mirar directo a los ojos de los hombres, ahora tenía voz, y los hombres, mirándola a los ojos, esperaban atentos lo que su boca pronunciara. Ella, a quien varias veces habían regalado, ella, de la que tantas veces se habían deshecho, ahora era necesitada, valorada, igual o más que una cuenta de cacao. Desgraciadamente, esa posición de privilegio era muy inestable. En un segundo podía cambiar. Incluso su vida corría peligro. Sólo el triunfo de los españoles le garantizaba su libertad, por lo que no había tenido empacho en afirmar varias veces con palabras veladas que en verdad los españoles eran enviados del señor Quetzalcóatl y no sólo eso, sino que Cortés mismo era la encarnación del venerado dios. (Esquivel, 2006, p. 30).¹⁷

Ser a voz que ecoava as traduções e possibilitava a comunicação entre homens em uma sociedade onde mesmo antes de ser colonizada as mulheres não tinham sequer o poder de fala, de fato foi um grande “feito” para uma

¹⁶ Ser "a língua" era uma enorme responsabilidade. Ela não queria errar, não queria se equivocar, e não via como evitar, pois era muito difícil traduzir de uma língua para outra conceitos complicados. Ela sentia que cada vez que pronunciava uma palavra, viajava na memória por centenas de gerações atrás. Quando alguém mencionava Ometéotl, o criador da dualidade Ometecihlti e Omecihuatl, o princípio masculino e feminino, instalava-se no próprio momento da Criação. Esse era o poder da palavra falada. (Esquivel, 2006, p. 28, tradução nossa).

¹⁷ Ela, a escrava que silenciosamente recebia ordens, ela, que não podia nem olhar diretamente nos olhos dos homens, agora tinha voz, e os homens, olhando-a nos olhos, esperavam atentos pelo que sua boca pronunciaria. Ela, que havia sido presenteada várias vezes, ela, da qual tantas vezes se desfizeram, agora era necessária, valorizada, igual ou mais que uma conta de cacau. Infelizmente, essa posição de privilégio era muito instável. Em um segundo, poderia mudar. Até mesmo sua vida corria perigo. Apenas o triunfo dos espanhóis garantia sua liberdade, então ela não hesitou em afirmar várias vezes, com palavras veladas, que os espanhóis eram verdadeiramente enviados do senhor Quetzalcóatl e não apenas isso, mas que Cortés ele mesmo era a encarnação do venerado deus. (Esquivel, 2006, p. 30, tradução nossa).

mulher indígena da época. Mais adiante, poderemos observar a primeira relação sexual de Cortés com Malinche, relatada pela autora de forma romantizada e talvez um pouco distante do que a mesma relatara anteriormente sobre a personalidade do conquistador.

Cortés y Malinalli, dentro del agua, uno frente al otro, se miraron a los ojos y descubrieron su destino y su unión inevitable. Cortés comprendió que Malinalli era su verdadera conquista, que ahí, en medio del abismo de los ojos negros de esa mujer, se encontraban las joyas que tanto buscaba. Malinalli, por su lado, sintió que en los labios de Cortés y en su saliva había un trozo líquido de dios, un pedazo de eternidad y que a ella le urgía saborearlo y conservarlo entre sus labios. Las nubes en el cielo se comenzaron a mover con una velocidad extraordinaria. El ambiente se cargó de humedad y lubricó tanto las plumas de las aves, las hojas de los árboles como la vagina de Malinalli. Las grises nubes, al igual que el pene de Cortés, hacían un gran esfuerzo por contener el agua, por retenerla, por no dejarla caer, por no soltar su preciado líquido. (Esquivel, 2006, p. 35).¹⁸

Embora a narrativa esteja enquadrada dentro da perspectiva do novo romance histórico Latino-americano, os fragmentos da obra, em algum momento, reforçam o ideal romantizado dessa relação, o que é um problema para o viés sociológico, como já foi citado anteriormente, porque essa ideia de “passividade” pode trazer uma interpretação equivocada do que foi a conquista dos corpos femininos.

No entanto, no decorrer do texto Esquivel nos traz um outro sentimento carregado por Malinche, que coloca a personagem em seu papel original, a de uma escrava que está cumprindo seu dever, e justificando seus atos e pensamentos:

Durante unos minutos —que parecieron eternos—, Cortés la penetró una y otra vez, salvajemente, como si toda la fuerza de la naturaleza estuviese contenida en su ser. Mientras, llovió tan fuerte que esa pasión y ese orgasmo quedaron sepultados en agua, lo mismo que las lágrimas de Malinalli, quien por un momento había dejado de ser «la lengua» para convertirse en una simple mujer, callada, sin voz, una simple mujer que no cargaba sobre sus hombros la enorme responsabilidad de construir con su saliva la conquista. Una mujer que,

¹⁸ Cortés e Malinalli, dentro da água, um diante do outro, se olharam nos olhos e descobriram seu destino e união inevitável. Cortés compreendeu que Malinalli era sua verdadeira conquista, que ali, no meio do abismo dos olhos negros daquela mulher, estavam as joias que tanto buscava. Malinalli, por sua vez, sentiu que nos lábios de Cortés e em sua saliva havia um pedaço líquido de deus, um fragmento de eternidade, e que ela precisava saboreá-lo e conservá-lo entre seus lábios. As nuvens no céu começaram a se mover com uma velocidade extraordinária. O ambiente ficou carregado de umidade e lubrificou tanto as penas das aves, as folhas das árvores quanto a vagina de Malinalli. As nuvens cinzentas, assim como o pênis de Cortés, faziam um grande esforço para conter a água, para retê-la, para não deixá-la cair, para não soltar seu precioso líquido. (Esquivel, 2006, p. 35, tradução nossa).

lejos de lo que podía esperarse, sintió alivio de recuperar su condición de sometimiento, pues le resultaba mucho más familiar la sensación de ser un objeto al servicio de los hombres que ser la creadora de su destino. (Esquivel, 2006, p. 36-37).¹⁹

Ao refletir sobre o que Malinche representava para seu colonizador, dentro da narrativa, pode-se dizer que todo o sentimentalismo que ele dedicava a ela não passava de atração sexual e necessidade de conquistar seu corpo, dominá-la mais uma vez como uma mulher de sua propriedade.

A Cortés, el estar dentro de ese pequeño espacio lo ubicaba en otro tiempo, lo hacía olvidar su insaciable sed de conquista, su irrefrenable deseo de poder. En ese instante lo único que deseaba era hundirse en el centro de las frondosas piernas de Malinalli para ahogarse en el océano de su vientre, para acallar su mente por un momento. Ese inmenso deseo, esa enorme necesidad de fundirse en Malinalli lo atemorizaba, pues sintió entonces que era capaz de perder el control y entregarse por primera vez a alguien. (Esquivel, 2006, p. 38).²⁰

Esse fragmento da narrativa mostra de maneira mais explícita os interesses envolvidos do espanhol sobre o corpo da indígena, nos fazendo refletir que o processo de dominação vai muito além das questões religiosas e culturais, mas que a violência corporal se fez muito presente pela obsessão do desejo dos homens que ali estavam, onde as nativas, até mesmo nesses relatos de tentativa de romantização, são colocadas no espaço sexual, do desejo e do erotismo, mas não do amor romântico, apenas do abuso corporal que é dirigido aos seus corpos.

Após o episódio do ataque em Cholula, onde morreram mais de sete mil indígenas pelas mãos dos espanhóis, Malinche começa a temer as mãos do conquistador e mais uma vez reafirma o seu espaço dentro de todo aquele ambiente, o de servir, que foi o que ela aprendeu durante toda a sua vida.

¹⁹ Por alguns minutos — que pareceram eternos —, Cortés a penetrou uma e outra vez, selvagememente, como se toda a força da natureza estivesse contida em seu ser. Enquanto isso, choveu tão forte que essa paixão e esse orgasmo foram sepultados em água, assim como as lágrimas de Malinalli, que por um momento deixou de ser "a língua" para se tornar uma simples mulher, silenciosa, sem voz, uma simples mulher que não carregava sobre seus ombros a enorme responsabilidade de construir com sua saliva a conquista. Uma mulher que, ao contrário do que se poderia esperar, sentiu alívio ao recuperar sua condição de submissão, pois a sensação de ser um objeto a serviço dos homens lhe era muito mais familiar do que ser a criadora de seu próprio destino. (Esquivel, 2006, p. 36-37, tradução nossa).

²⁰ Para Cortés, estar dentro desse pequeno espaço o transportava para outro tempo, fazia-o esquecer sua sede insaciável de conquista, seu desejo incontrolável de poder. Naquele instante, tudo o que ele desejava era afundar no centro das exuberantes pernas de Malinalli para se perder no oceano de seu ventre, para silenciar sua mente por um momento. Esse desejo imenso, essa enorme necessidade de se fundir com Malinalli o assustava, pois ele sentiu naquele momento que era capaz de perder o controle e se entregar pela primeira vez a alguém. (Esquivel, 2006, p. 38, tradução nossa).

A ella la habían educado para servir. En su calidad de esclava, ella no había hecho otra cosa que servir a sus amos. Y lo sabía hacer con eficiencia. Al traducir e interpretar, no había hecho otra cosa que seguir las órdenes de sus amos españoles, a los que había sido regalada y a los que debía servir con prontitud. (Esquivel, 2006, p. 42-43).²¹

A sua voz, como parte de seu corpo, não passava de uma forma de conquista para que os colonizadores alcançassem seus objetivos, não havendo opção de negar isso ou de tentar fazer diferente, pois como ela mesma afirma na narrativa, ela foi educada para servir; a rebelião, naquele momento, representaria a sua morte, e a sua morte não condizia com a sua vontade de ser livre.

Ao longo dos encontros em que Malinalli foi submetida a ser tradutora, um dos mais importantes foi o com Montezuma, que para ela tinha sido um misto de honra e temor por sua vida, pois uma mulher jamais poderia ocupar a presunção de poder olhar diretamente nos olhos do grande imperador (Esquivel, 2006). Mas ali, naquele momento, para Cortes também era outra forma de conquista, e para celebrá-la, escolheu violentá-la.

Era una construcción palaciega que maravilló a Cortés, quien, en cuanto estuvo instalado en su habitación, mandó llamar a Malinalli y fornicó desenfrenadamente con ella, como una manera de celebrar su triunfo y al mismo tiempo negarlo. Como un deseo de gozar y de atacar simultáneamente. De acercarse a la vida que había en Malinalli para contemplar su muerte. Besó su boca, sus senos, su vientre, sus muslos, su centro, para satisfacer una voluntad tan furiosamente ambiciosa que casi la partió en dos, la lastimó, la rasgó. Al terminar, Malinalli no quiso mirarlo a los ojos, salió del palacio y se lavó en uno de los canales (...) Malinalli sentía que no merecía ese trato. Nunca antes se había sentido tan humillada. ¿Era ése el digno comportamiento de los dioses? No. (Esquivel, 2006, p. 53).²²

Fica exposto, em muitos fragmentos da narrativa de Esquivel, embora a mesma em alguns momentos traga uma certa forma de romantização ou um

²¹ A ela, haviam ensinado a servir. Em sua condição de escrava, ela não tinha feito outra coisa senão servir aos seus senhores. E sabia fazer isso com eficiência. Ao traduzir e interpretar, não tinha feito outra coisa senão seguir as ordens de seus senhores espanhóis, aos quais tinha sido dada como presente e aos quais devia servir prontamente. (Esquivel, 2006, p. 42-43, tradução nossa).

²² Era uma construção palaciana que maravilhou Cortés, que, assim que estava instalado em seu quarto, mandou chamar Malinalli e teve relações sexuais desenfreadas com ela, como uma forma de celebrar sua vitória e ao mesmo tempo negá-la. Como um desejo de desfrutar e atacar simultaneamente. De se aproximar da vida que existia em Malinalli para contemplar sua morte. Beijou sua boca, seus seios, seu ventre, suas coxas, seu centro, para satisfazer uma vontade tão furiosamente ambiciosa que quase a partiu ao meio, a machucou, a rasgou. Ao terminar, Malinalli não quis olhá-lo nos olhos, saiu do palácio e se lavou em um dos canais (...) Malinalli sentia que não merecia esse tratamento. Nunca antes se sentira tão humilhada. Era esse o comportamento digno dos deuses? Não. (Esquivel, 2006, p. 53, tradução nossa).

ideal amoroso do que ocorreu entre Malinche e Cortes, que a violência sofrida por ela a incomodava, e que não havia outra opção além de se sujeitar aos abusos sexuais que ali a impuseram. O debate acerca da figura de Malinche é de fato uma incógnita. Muitas perspectivas podem ser sugeridas sobre o ocorrido, mas este trabalho se propõe a refletir sob uma ótica decolonial do que foi a conquista das Américas e a figura de Malinalli, a trazendo além disso como sujeito literário, mas como sujeito histórico que não obteve opções sobre o seu corpo e suas decisões.

A obra traz uma representação fictícia do que foi esse momento histórico, mas que permite ao leitor ter a possibilidade de refletir sobre os sentimentos da personagem e de como esse processo foi doloroso para ela. Ela estava ali, em um contexto de usurpação cultural e territorial, como sujeito do meio, como “mulher”. Coloco entre aspas a palavra mulher para reafirmar a perspectiva de Lugones sobre a desumanização da mulher colonizada, pois não se via ali um ser humano, apenas um objeto de prazer e desejo. Malinche, por “sorte” dela ou dos colonizadores, possuía a sabedoria das línguas, o que a fez ter mais destaque dentre todas as indígenas que ali viveram, mas que por sua língua e sabedoria, repercutiu negativamente na história.

4.3 CORPO E TERRITÓRIO: OUTRAS FORMAS DE COLONIZAR

Refletindo sobre os papéis de gênero e o patriarcado que conhecemos hoje na sociedade, podemos também observar outras análises acerca da violação cultural imposta aos corpos femininos. Um deles é a visualização do corpo da mulher como um território de conquista, que se refere historicamente ao patriarcado e sexismo impostos durante a conquista das Américas, reduzindo as mulheres a objetos de desejo e controle. Essa perspectiva problemática nega a autonomia e a agência das mulheres sobre seus próprios corpos, promovendo a ideia de que elas podem ser possuídas, controladas ou dominadas sem consentimento, contribuindo para uma cultura de violência de gênero e violação.

Maria Mies, socióloga feminista alemã, conhecida por suas contribuições ao movimento feminista e por suas análises críticas sobre o papel das mulheres no sistema capitalista e colonial, embora não tenha se aprofundado especificamente sobre o corpo feminino como território de conquista, em sua

obra “Patriarcado e acumulação em escala mundial” (1986) aborda questões de gênero, colonialismo e exploração econômica, fazendo uma relação entre gênero e colonialismo. Nessa obra, a autora argumenta que ambos estão interligados no sistema capitalista global, criticando como a colonização contribuiu para a exploração das mulheres tanto nas colônias como nas sociedades colonizadoras. O colonialismo, em suas análises, é visto como um sistema de dominação que explora e subordina as mulheres, além de explorar as colonizadas.

Quanto ao corpo feminino, Mies pode não abordar o conceito específico de "corpo como território de conquista", mas destaca como as mulheres foram submetidas a múltiplas formas de opressão e exploração no contexto do colonialismo e do capitalismo (Mies, 1986). A socióloga critica como o sistema patriarcal e a divisão de gênero se perpetuaram nas estruturas coloniais e capitalistas, resultando na exploração do trabalho das mulheres e na limitação de suas liberdades e escolhas. Isso nos ajuda a começar a refletir sobre a ideia da materialização dos corpos femininos, que nada mais seria do que o processo pelo qual o corpo das mulheres é tratado e percebido como um objeto físico, existente no mundo real, sujeito a interpretação cultural, normas sociais e políticas de poder.

Adentrando na obra da pesquisadora Verônica Gago, socióloga e pesquisadora argentina conhecida por suas contribuições ao campo dos estudos de gênero, feminismo, trabalho e movimentos sociais na América Latina, "Potência Feminista" (2020), explora a potência das lutas feministas na América Latina, destacando o poder das mulheres ao se unirem e resistirem às opressões de gênero e às estruturas patriarcais. No terceiro capítulo, intitulado “Corpo-território: o corpo como campo de batalha”, a autora nos traz uma reflexão importante acerca deste conceito:

Corpo-território é um conceito político que evidencia como a exploração dos territórios comuns e comunitários (urbanos, suburbanos, camponeses e indígenas) implica violentar o corpo de cada um e o corpo coletivo por meio da espoliação. Despojar uma comunidade de água para que seja utilizada pelas empresas mineradoras obriga a população local—como contam as companheiras em Las Rositas, na bacia do Rio Grande em Santa Cruz, na Bolívia—a buscar água na cidade, pagar o ônibus de ida e volta e mais um valor adicional por cada galão transportado, fazer o esforço da viagem, organizar-se para ir com as crianças ou deixá-las ao cuidado de alguém, carregar os galões a pé... Claro, tudo em nome do “desenvolvimento”. (Gago, 2020, p. 79).

A autora aborda como é impossível afastar o corpo individual do coletivo, e como esse corpo individual faz parte especificamente de uma continuidade política (Gago, 2020). Observando o trecho destacado sobre como esses corpos e territórios funcionam juntos, trago juntamente algumas observações de como a colonialidade influenciou fortemente nesse aspecto, já que a colonialidade é um conceito que se refere aos efeitos duradouros e contínuos do colonialismo nas sociedades contemporâneas. Ela não se limita apenas a aspectos políticos e psicológicos, mas também molda ideias, práticas culturais, identidades e noções de corpo. A partir dessa perspectiva, podemos entender como a colonialidade influenciou a noção de "corpo-território".

Primeiramente, destaco a exotificação: durante o período colonial, era comum a exotificação dos corpos das pessoas colonizadas, principalmente os corpos femininos, de acordo com Lugones (2014), e como observado anteriormente na análise de Malinche (2006). Isso inclui a redução das mulheres colonizadas a estereótipos de sensualidade e submissão, concebendo seus corpos como algo a ser explorado e conquistado. Destaco abaixo um exemplo claro acerca dessa sexualização exacerbada na obra de Sherwood, que foi trabalhada anteriormente:

[...] as mulheres nativas não eram delicadas nem pretensiosas [como as espanholas]. Na verdade, elas não insistiam em ser cortejadas, nem contavam com a proteção intrometida de alguma mãe ambiciosa. A verdade seja dita: as índias eram sábias, dotadas de um conhecimento capaz de provocar um verdadeiro turbilhão, como a Lua no mar, na zona erógena de um homem plenamente maduro [Cortés], de 33 anos. (Sherwood, 2008, pág. 14, grifo meu).

Em segundo lugar, contemplando a citação acima e refletindo acerca das comparações entre as nativas e as mulheres espanholas, destaco as hierarquias raciais: a colonialidade estabeleceu raízes raciais, onde os corpos das pessoas brancas eram frequentemente considerados superiores aos corpos de pessoas não-brancas. E por fim, o controle sobre corpos femininos e marginalização: as mulheres colonizadas frequentemente eram submetidas ao controle e à violência sexual por parte dos colonizadores, originada na noção de que seus corpos eram propriedade dos colonizadores. Também a

reverberação que os conquistadores trouxeram acerca dos sistemas de detecção e marginalização com base na raça, etnia e origem, afetando como diferentes corpos são percebidos e tratados dentro da sociedade.

A violência contra as mulheres indígenas durante a conquista das Américas foi um aspecto trágico e perturbador da história colonial. As mulheres indígenas enfrentaram uma série de abusos, exploração e opressão nas mãos dos colonizadores europeus, que buscavam expandir seus impérios e explorar os recursos das novas terras. É importante reconhecer e aprender com essa história de violência e opressão para entender o impacto duradouro que teve nas comunidades indígenas e para trabalhar na construção de um futuro mais igualitário e respeitoso para todas as pessoas.

É necessário falar sobre a violência sofrida pelas indígenas durante a conquista das Américas por várias razões, uma delas é o reconhecimento histórico, que nos mostra quão importante é abordar essa violência histórica e como é um passo para reconhecer o sofrimento e a injustiça que elas enfrentaram e enfrentam até hoje. Este capítulo pretende contribuir para uma compreensão mais precisa e completa da história, permitindo que as vozes das vítimas sejam ouvidas e suas experiências sejam validadas, referenciando a história de Malinche. Além disso, também combate o apagamento histórico, pois a história tende frequentemente a apagar as experiências das pessoas marginalizadas.

O próximo capítulo pretende analisar os aspectos teóricos da similaridade entre a literatura e a história, pois se faz fundamental essa análise, levando em consideração que a personagem escolhida, embora seja retratada em algumas ficções além da de Esquivel, também é uma figura histórica emblemática e importante para todo o contexto histórico da conquista das Américas.

5. OBSERVAÇÕES HISTÓRICAS ACERCA DA OBRA DE ESQUIVEL

Desde sua publicação, em 2006, a obra de Esquivel tem sido pauta para muitos estudos dentro do campo literário, principalmente no que diz respeito aos estudos de gênero e cultura. Por ser uma figura emblemática, a narrativa sobre a indígena traz margem para um apanhado de pesquisas que norteiam os estudos feministas e históricos, contemplando algumas discussões que servirão como pauta no decorrer deste tópico. É interessante perceber que a maioria das análises acerca da obra “Malinche”, publicada pela autora mexicana, são envoltas de recortes que ressignificam a figura da personagem, ou seja, dão um novo sentido à construção estereotipada que a colocava como traidora e discorriam sobre os abusos sofridos.

De acordo com Grethe Ruud Matthews, em sua dissertação de mestrado intitulada “La mujer indígena como el otro del conquistador español: relaciones de poder en Malinche de Laura Esquivel” (2018), desenvolvida na Universidade de Oslo, se observa mais claramente, na obra de Esquivel, a relação de poder existente entre os espanhóis e as indígenas. Traz a ideia do outro, de quem seria este outro e qual espaço ele ocupa, “É como uma crítica a este outro, que será quase automaticamente considerado inferior, nesta forma de diferenciar as pessoas encontradas neste território colonial específico.” (Matthews, 2018, p.38). Ou seja, para a autora, os estudos do outro se referem à observação do outro no papel de colonizado, que faz parte de uma situação de subalternidade, como Malinche.

É interessante considerar Cortés sobretudo como o outro, em comparação com Malinche. Trata-se de um homem versus mulher – e ao mesmo tempo de um espanhol versus uma mulher indígena. Se trata de diferenças em muitos níveis. Da mesma forma, o sistema de valores pode ser levado em consideração, embora não seja muito ético falar de valor neste sentido - porque o valor de um ser humano tem que ser igual, mas nos pensamentos e reflexões da época e das sociedades envolvidas, os valores eram diferentes. Isso significa que uma mulher valia muito menos do que um homem, o que se manifesta na forma como trata Malinche como escrava. Da mesma maneira, os indígenas não tinham o valor que os espanhóis tinham, pelo menos não nas considerações dos europeus. Isto significa que Malinche era considerada inferior em muitos aspectos, pelo menos é uma dupla inferioridade, em relação a Cortés. (Matthews, 2018, p.39, tradução nossa).

Para a pesquisadora, observam-se diversas inferioridades entre a personagem e o europeu, inferioridades que reforçam a posição de subalternidade em que Malinche se encontrava na narrativa, apresentando a reflexão da situação de dominação que a indígena enfrentava perante sua trama, e fugindo dos recortes que colocam a personagem como amante apaixonada ou até mesmo traidora. Matthews propõe o conceito de dupla inferioridade (Matthews, 2018, p.39) relatada na narrativa, sendo Malinalli inferior por ser mulher, e pelas noções do patriarcado, a mulher está abaixo do homem com o papel de serventia, e para além de ser mulher, uma mulher indígena, a tornando duplamente inferior a um homem europeu (Matthews, 2018).

Os apontamentos acerca da noção que discorre mais amplamente sobre a inferioridade do outro, sendo esse outro a figura subalterna de Malinche, promovem reflexões que levam o leitor à consideração do verdadeiro papel de inferioridade. E quando falo sobre inferioridade, me refiro a ser inferior não por relevância na narrativa, mas à subordinação em que a indígena se encontrava frente aos espanhóis, em especial a Cortés.

Malinche se encontra colonizada de diversas maneiras, mas sobretudo como indígena e como mulher. O território onde Malinche é subitamente controlado pelos colonizadores. O corpo de Malinche também será controlado por um colonizador. Até mesmo os pensamentos e sua linguagem serão controlados por outros – de certa forma, porque ela tem que traduzir o pensamento da potência colonizadora. (Matthews, 2018, p.39, tradução nossa).

A discussão que Matthews propõe se assemelha muito ao que tratamos anteriormente acerca da dupla colonização da mulher proposta por Bonnici. As noções de observá-la em posição de subalternidade se solidificam entre as pesquisas porque a intenção por trás da reinterpretação da figura de Malinche por Esquivel é retratá-la a partir desse espaço de serventia e permitir outra reflexão sobre a posição subalterna em que ela estava. Também fortalecendo entre os estudos o ideal mais crítico do que foi o período de invasão das Américas e da colonização da mulher indígena, sendo isso possível também pela eclosão dos estudos de gênero no pós-boom.

Outra perspectiva que a autora traz sobre a obra é a personificação da figura de Cortés, apresentando-o como um homem ganancioso e que

tampouco se importava com Malinche. Para o autor, Esquivel o retrata como um invasor ambicioso, indo além de sua "conquista" das terras dos mexicas ou do corpo da indígena.

Pelo pensamento e pela atitude de Cortés, pode-se analisar que este homem espanhol é acima de tudo um conquistador, um homem que quer conquistar grandes partes do mundo inteiro, e não apenas uma mulher indígena e sua cidade. A conquista é a razão sua chegada ao novo continente, e sua forma de agir está em seu sangue, então não podendo parar de fazer isso. (Matthews, 2018, p.40, tradução nossa).

Ao contrário da interpretação de bom moço trazida pelo ideal romântico da figura de Cortes e das relações inter-raciais desse momento histórico, a pesquisadora entende e interpreta que Esquivel escolhe tratar Cortés como um homem de seu tempo, sem endeusá-lo ou retratá-lo como homem apaixonado, pois todas as suas atitudes não dizem respeito ao amor romântico, mas sim às formas de dominação e imposição às quais já estava acostumado. A invasão territorial e do corpo está muito mais relacionada ao que conhecemos hoje como as consequências do modelo capitalista do que por uma história fantasiosa de amor como a retratada por Sherwood, por exemplo.

Abro parênteses para tratar brevemente acerca da obra de Sherwood porque as insinuações amorosas sobre Cortés e Malinche dentro desta narrativa se assemelham mais à proposta do subgênero literário a que esta obra se caracteriza, podendo considerá-la como um romance histórico contemporâneo de mediação, já que sua intencionalidade se parece muito com o que Fleck propõe acerca da intencionalidade editorial (Fleck, 2017).

No entanto, no que compete à narrativa de Esquivel, os destaques para a relação inter-racial entre os personagens se tornam ainda mais profundos com o passar da narrativa, "Tu sangre y mi sangre crearon una sangre nueva que nos pertenece a ambos, pero ahora tu sangre se mezclará con otro. Yo seguiré siendo tu señor, pero tu nunca serás mi señora"²³ (Esquivel, 2006, p.155).

Para Matthews :

Este discurso pode ser analisado como uma dissertação sobre as relações entre pessoas de diferentes continentes, de personagens com diferenças culturais antes de se unirem. Deste sangue um novo sangue

²³ "Seu sangue e meu sangue criaram um novo sangue que nos pertence a ambos, mas agora seu sangue se misturará com outro. Eu continuarei sendo seu senhor, mas você nunca será minha senhora." (Esquivel, 2006, p.155, tradução nossa).

será criado, isto é, o sangue do mestiço, que é o primeiro resultado da mistura de sangue e pessoas com diferentes pontos de partida, chegadas de diferentes lugares e territórios geográficos. Trata-se de intercâmbios culturais. Desta forma, o capitão e conquistador Cortés pode promover a posição social de Malinche, porque quando ela se casar com um espanhol, será automaticamente uma dama na sociedade do colonialismo. Pode-se entender isso como se os europeus “valessem” mais do que os povos indígenas, o que favorece uma raça e não a outra. (Matthews, 2018, p.41, tradução nossa).

No que compete aos estudos da pesquisadora sobre a obra de Esquivel, a personagem se encontrava em um papel de completa dominação e serventia, em que seu processo de colonização era tão invasivo que até mesmo sua voz não era considerada sua, mas um meio de usurpação para ser aproveitado pelos invasores espanhóis. Restava, portanto, à Malinche, apenas a posição de eterna escrava, já que no fim da narrativa e de sua vida ela foi entregue em casamento para outro espanhol, não tendo sua vontade de ser livre acatada e muito menos poder de escolha. Com isso, reforça-se a ideia de que Malinalli era uma mulher indígena de seu tempo que não obtinha nenhum poder sobre si e sobre o outro, não tendo culpa das desgraças que sobrevieram pela invasão espanhola.

Já no âmbito da poesia, a escritora Claribel Alegria (2008) traz uma reflexão sobre a imagem de Malinche como supostamente traidora. O poema de Alegria contempla a personagem no banco dos réus, sem entender o porquê de ser acusada de tamanha traição. Observemos:

Estoy aquí
 en el banquillo de los acusados
 dicen que soy traidora
 ¿a quién he traicionado?
 era una niña aún
 cuando mi padre
 es decir
 mi padrastro
 temiendo que su hijo
 no hereda las tierras
 que a mí correspondían
 me condujo hacia el sur

y me entregó a extraños
que no hablaban mi lengua. (Alegria, 2008,p.7). ²⁴

O eu lírico indaga as motivações pelas quais a acusação de traição se fazia presente, já que, na verdade, seu próprio povo a vendeu, a escravizando. Posteriormente, a colocando como presente para os invasores, estando ela não em posição de algoz, mas de uma mulher que também foi traída, já que foi entregue aos brancos sem seu consentimento.

Terminé de crecer en esta tribu
les servía de esclava
y llegaron los blancos
y me entregaron a los blancos.
¿Qué significa para ustedes
la palabra traición? (Alegria, 2008,p.7). ²⁵

Para a poeta que dá voz a Malinche, na verdade, o que ocasionou toda a história e a problemática em que a indígena foi envolvida não foi culpa dela, mas sim dos que a entregaram aos espanhóis, já que ela nada podia fazer em sua posição de escrava. Para Alegria, a personagem está mais envolta na condição de escrava do que na posição de alguém que pode ser considerada

²⁴ "Estou aqui
no banco dos réus
dizem que sou traidora
a quem eu traí?
ainda era uma criança
quando meu pai
quer dizer,
meu padrasto
temendo que seu filho
não herdasse as terras
que me pertenciam
me levou para o sul
e me entregou a estranhos
que não falavam minha língua." (Alegria, 2008, p. 7, tradução nossa).

²⁵ "Terminei de crescer nesta tribo
servia como escrava a eles
e vieram os brancos
e me entregaram aos brancos.
O que significa para vocês
a palavra traição?" (Alegria, 2008, p. 7, tradução nossa).

como traidora, já que toda a sua história foi movida por abusos e violações. "Quem de mim veio em minha defesa quando o primeiro homem branco me estuprou?" (Alegria, 2008, p.8, tradução nossa). Como considerá-la culpada em vez de vítima? Conforme Josephine Cândia (2013):

Sem dúvida estes versos resumem um pensamento de adesão de comportamento de Malinche por parte da autora, rejeitando as acusações contra ela, e isso faz muito sentido, porque nos mostra uma perspectiva de um poeta que entra no personagem para trazer à tona os sentimentos que configuram essa mulher indígena, e que, como diz o poema, ninguém de seu povo a ajudou quando ela foi violada por homens brancos. Nessa perspectiva, ela seria traída. Certamente, por se tratar de uma criação lírica interpretado na primeira pessoa, este poema adquire uma nuance particular, que dá um maior grau de credibilidade, ao mostrar um lamento comovente, o que nos faz imaginar a mulher sofredora por trás disso.(Cândia, 2013, p.82, tradução nossa).

Para Cândia, em sua dissertação intitulada "Malinche De Laura Esquivel: Inocencia Y Perspicacia De Una Supuesta Traidora" (2013), apresentada à Universidad de Bio Bio - Chile, o poema de Alegria se assemelha à posição que a obra de Esquivel traz sobre a desmistificação da imagem da indígena como traidora. A incorporação de seu estado e seus pensamentos como uma mulher escravizada que não podia se opor ao que lhe foi designado, estando em papel de subserviência anteriormente ao seu povo, e após isso, aos espanhóis, não tendo domínio sobre o seu futuro e suas escolhas.

A pesquisadora indaga que é controverso apresentar a figura de Malinche como traidora porque em muitas passagens históricas, e até mesmo na obra de Esquivel, fica claro que suas escolhas nem sequer seriam consideradas (Cândia, 2013). Ela reforça o ideal de que, na verdade, a indígena estava no papel de traída, e não de suposta traidora, e que observando a obra da romancista, pode-se entender que a personagem não apresentou indícios de traição, apenas a vontade de viver em liberdade. Mesmo sendo mãe de um filho de Cortés, seu lugar de subalterna não mudava em nada (Cândia, 2013).

Há basicamente uma censura a uma sociedade machista, tanto na sociedade do século XVI tal como é hoje, que critica esta figura e a coloca em questionamento por ser uma traidora, mas na verdade ela é aquela traída por aqueles em quem acreditava, seus irmãos na terra, onde conceitos-chave da vida são questionados de Malinche, como fidelidade e pátria, para este último mandato bastará compartilhar o mesmo espaço físico, ou melhor, é necessário um compromisso emocional. O que isso significa para a proteção das pessoas que vivem lá? (Cândia, 2013, p. 81, tradução nossa).

Tanto Cândia quanto Matthews entendem que a narrativa de Laura Esquivel promove uma reinterpretação da história de Malinche e desmistifica o que foi construído e disseminado por muitos anos sobre suas atitudes perante os espanhóis. Os pesquisadores levantam questionamentos e arcabouços teóricos que contemplam a verdadeira representação tanto da relação da indígena e do espanhol como de suas vivências como mulher subalterna, propondo a reflexão de que na posição em que a personagem se encontrava, nada poderia ser feito além das obrigações pelas quais fora designada, sendo sem fundamento o levante de acusações acerca de sua imagem, além das narrativas que perpetuam esse ideal de traidora.

5.1 DIÁLOGOS LITERÁRIOS E HISTÓRICOS

Sabe-se que a literatura e a história são áreas correlatas e caminham juntas, mesmo cada uma com suas particularidades. É fato também que cada uma cumpre o seu papel dentro das ciências humanas, tendo a literatura compromisso com o leitor e a permissão de trabalhar o real e o imaginário dentro das narrativas, algo que não compete necessariamente à história pelo seu compromisso em trazer a veracidade dos fatos.

A literatura historiográfica permite ao autor a utilização de recursos verossímeis para a construção da narrativa, como o realismo mágico, citado anteriormente. Nesta proposta, o fator verdade não está necessariamente como uma obrigatoriedade na trama, mas como uma construção para o que pode ser uma possível verdade ou outra análise dos fatos. O novo romance histórico, por exemplo, ao que diz Aínsa (1993), traz outra possibilidade acerca do ocorrido, podendo esta ser verdadeira ou não, porque a proposta não é trazer uma análise verdadeira do passado, mas apresentar ao leitor/receptor uma posição oposta ao que foi trazido anteriormente com a colonização.

O fator verdade nem sempre se faz presente em literaturas com teor histórico por permitir a subjetividade do autor para o processo criativo, optando por ser subjetivo ou não. No entanto, é factual que algumas narrativas apresentam versões desatualizadas e conservadoras dos períodos e vivências que os personagens estão inseridos, trazendo uma crítica não pelo imaginário,

mas pela deturpação propícia à disseminação de narrativas completamente inverossímeis.

É comum observar em romances que retratam o período colonial na América Latina, no que tange às pautas voltadas às comunidades indígenas pertencentes antes da invasão, o abuso da romantização e deturpação do que foi todo o curso de violências sofridas. É dicotômico dizer que a literatura não tem compromisso com a verossimilhança dos fatos e cobrar um posicionamento verossímil das obras, algo que pontualmente discordo por acreditar no potencial social que as obras entram para as experiências empíricas do leitor e seu conhecimento de mundo.

O poder narrativo pode contemplar as mais diversas camadas no que tange à multidisciplinaridade, sendo histórico, geográfico, sociológico e muitos outros dentro dos estudos das ciências humanas, e a proposta de uma literatura que passeie por essas áreas de forma compromissada sem perder a sua essencialidade, que está no fator criação, é um fator relevante. Observemos o que diz Ivan Jablonka (2017) a esse respeito:

Aqui reside o ponto de junção entre história e literatura. Antes de ser uma disciplina universitária, a história é uma viagem no tempo e no espaço, uma investigação baseada no raciocínio; a literatura, precisar se assujeitar à ficção, é um trabalho sobre a língua, uma construção narrativa, uma voz singular, uma emoção, uma atmosfera, um ritmo, uma evasão para outros lugares, assim como um cânone formado pelas instituições. (Jablonka, 2017, p. 13).

A relação entre as áreas também se torna complexa, mas gostaria de destacar dois fatores: o primeiro é a literatura como observadora da história, e o segundo é a literatura como auxiliadora no processo de desenvolvimento da história.

Utilizando-se da reflexão histórica, a literatura se utiliza das realidades sociais de uma determinada época para refletir sobre os usos e costumes daquela sociedade, através da análise das obras, trazendo o processo de reflexão, não sendo necessariamente o contexto ou fator histórico o destaque do enredo, mas uma forma de situar o leitor no século em que a narrativa se constrói.

Já a literatura como auxiliadora na construção da história reflete para além do período em que a narrativa se situa, mas traz elementos históricos que compõem a trama para argumentar as relações históricas ali existentes. Mesmo com o processo de ficcionalização, os eventos históricos estão como fator fundamental para o desenvolvimento da obra, trazendo, de certo modo, uma influência sobre como os personagens inseridos se relacionam com aquele momento histórico.

No caso da obra de Esquivel, podemos concluir que ela faz parte da construção da história, relatando fatos que verdadeiramente aconteceram durante a invasão das Américas, com personagens históricos que fizeram parte do contexto, trazendo ao leitor além de um enredo romântico, mais informações sobre o que seriam as comunidades pré-colombianas e seus aspectos culturais, além de passar outra perspectiva sobre Malinche e sua relação com Cortés.

De acordo com Mackenbach e Pla (2002), do final dos anos oitenta e intensamente no início dos anos noventa, as literaturas latino-americanas se voltaram para a (re)escrita da história. Segundo os autores, o interesse pela história como um discurso para possível diálogo crítico sobre as interpretações do passado está intrinsecamente ligado às reflexões sobre os processos revolucionários em que muitas nações foram submetidas, sendo essa atenção da literatura para com a história de natureza política (Mackenbach e Pla, 2002). Respondendo assim, de alguma forma, ao desejo de intervir nos processos históricos.

Muito se discorreu ao longo do texto sobre a reescrita da história, mas pouco sobre suas motivações, deixando o espaço em aberto para ser contemplado neste tópico por Mackenbach e Pla. Sabe-se que os modelos de invasão do território latino-americano se solidificaram com o passar do tempo, não de forma submersa como foi o período colonial, mas não menos violenta, a exemplo das ditaduras e novas formas de extermínio que se apresentaram no século passado. Todo o ideal de perseguição ao comunismo implantado pela guerra fria e influência estadunidense apresentou a história que as formas de opressão não se extinguíram, apenas mudaram de forma.

Para Mackenbach e Pla, as vivências de muitos autores nesse período ditatorial foram o ponto de partida para refletir sobre o que poderia ser modificado na história, de forma subjetiva, pois se sabe que é impossível modificar os eventos passados, apenas como eles são contados, levando em consideração também a deturpação dos fatos. A priori, a forma possível de recriar ou recontar esses acontecimentos só se deu através da literatura, a utilizando como arma política (Mackenbach e Pla, 2002).

De fato, o desencanto dos escritores em relação às utopias revolucionárias deu origem a uma reavaliação da figura do "intelectual comprometido" e da noção de "literatura como arma", expressos tipicamente através da literatura testemunial. Essa aposta na ficção responde, portanto, a um reposicionamento dos intelectuais, que intervêm no campo político por meio de uma escrita consciente de sua literariedade. (Mackenbach e Pla, 2002, p. 342, tradução nossa).

É importante salientar que há um compromisso com a história mesmo que haja aspectos ficcionais e subjetivos que construam uma narrativa, pois o compromisso com a história é diferente do compromisso com a verdade. Observamos também que na narrativa de Esquivel há diversos aspectos históricos levantados mediante pesquisas bibliográficas dentro do campo histórico que coincidem com textos e relatos de outros pesquisadores, inclusive a obra de Todorov, "A Conquista das Américas: A Questão do Outro" (1983), como a passagem dos signos que antecederam a chegada dos espanhóis, também presente na narrativa do escritor.

Por exemplo, é de mau presságio que um prisioneiro fique triste, porque os astecas não esperam por isso. Também é de mau agouro que um pássaro grite em um momento específico, ou que um rato atravesse o templo, ou que haja um deslizamento ao falar, ou ter visto um determinado sonho. É verdade que às vezes esses presságios não são apenas eventos estranhos, mas claramente sobrenaturais. "E preparando os pratos que comeriam daquelas coisas que as mulheres mexicanas traziam para vender, aconteceu algo prodigioso e assustador, que deixou os xochimilcas atônitos e assustados. E foi que, estando todos sentados em seus lugares para comer, todos os alimentos que tiravam das mulheres mexicanas que tinham comprado, se transformavam diante deles em pés e mãos de homens, braços, cabeças, corações de homens e entranhas. Ao verem algo tão assustador e nunca antes ouvido ou visto, chamaram os adivinhos e perguntaram o que poderia ser aquilo. Os adivinhos prognosticaram ser um presságio muito ruim, pois significava a destruição de sua cidade e a morte de muitas pessoas." (Durán, m, 12). (Todorov, 1982, p. 71).

Ou seja, a relação histórica se mostra dentro do enredo de Esquivel com fatos que historiograficamente aconteceram, mas que não podem ser utilizados como literatura de testemunho, como já mencionado anteriormente, porque para que se enquadrasse na literatura de testemunho seria necessário que a escritora tivesse vivenciado na época da obra. Sendo isso também um fator contribuinte para destacar que os outros fatores que contemplam a narrativa a tornam verossímil, mas histórica.

Mackenbach e Pla dizem que o romance histórico questiona os grandes relatos da história visando o futuro das sociedades, além de narrá-las como alegoria do presente. Sendo esse arcabouço histórico um disfarce, dando pretexto e pré-texto - no sentido literal e figurativo - de uma literatura que rivaliza com a história, mas também ri dela (Mackenbach e Pla, 2002, p. 349).

Sendo assim, a literatura se utiliza dos aspectos históricos para a construção da narrativa, como o novo romance histórico, que traz para o seu enredo a história que não foi propriamente dita, o levantamento bibliográfico, o ideal político e os fatores historiográficos, mas se utiliza de sua particularidade para compor os aspectos literários fundamentais para as características do gênero literário, não sendo inimigas, mas uma correlação de disciplinas possíveis para compor um objeto de estudo ou de leitura, a depender do público-alvo.

Assim, a (re)escrita da história, seja através da ficção literária, seja através da historiografia, implica, a partir desses anos, uma tentativa de compreender as razões do fracasso dos projetos revolucionários e da violência na América Central. (Mackenbach e Pla, 2002, p. 357).

A junção da escrita historiográfica com a literária abre um leque de possibilidades não só para o processo criativo, mas também para a construção de um enredo importante no que diz respeito ao pensamento histórico. Como apresentado, existe a figura de Malinche como personagem de uma obra literária e personagem histórica, sendo a historiografia um fator-chave para o relato de vivências da época e de outras particularidades que norteiam a composição da trama.

Malinche, como figura histórica, se destaca como a tradutora de Cortés. Os registros históricos sobre a indígena são as cartas do espanhol para a corte,

sem muitos detalhes sobre sua relação conjugal e também sem o destaque negativo que veio com a ideia do Malinchismo. Nos relatos, a sua construção era de alguém que estava ali a serviço, com um fator diferencial das outras mulheres pela familiaridade em aprender outras línguas. A visão romântica da relação inter-racial entre essas figuras veio com a literatura, pois sabe-se que tanto a historiografia quanto a literatura compartilham o objetivo comum de contar histórias, enquanto a historiografia busca uma representação baseada em evidências, a literatura se permite explorar a imaginação e a subjetividade.

Em contrapartida da subjetividade, a literatura vem como alternativa para o que foi construído através da historiografia conservadora: a imagem dos indígenas passivos e uma não resistência dos povos que antes viviam na América Latina, que vem sendo desmistificada há algum tempo. De forma perspicaz, a literatura de Esquivel, assim como a de outras escritoras que relatam esse período histórico, vem dando nome aos sujeitos, revisitando a violência, o trauma, a historicidade e a narrativa que outrora colocava o vilão como mocinho de boas intenções. O vilão se personifica na imagem do invasor, que é violento, religioso e desrespeitoso com as vivências culturais.

Cortés não é mais um “descobridor”; ele é alguém que dizimou tribos, catequizou forçadamente, escravizou e destruiu um império, além dos estupros cometidos a Malinche e outras indígenas, pois Cortés em nada era Cortês (Esquivel, 2008). Embora Esquivel não relate verdadeiramente tudo o que ocorreu durante a invasão das Américas, a obra nos permite ter uma noção dos fatores históricos e culturais que permeavam a sociedade pré-colombiana antes da colonização e a reflexão sobre o papel social que Malinalli representava naquele contexto, a de vítima e não de algoz, algo que a historiografia não contemplou com clareza até o momento.

A releitura da história de Malinche reflete na necessidade de mudança de perspectivas que precisam ser trabalhadas na historiografia e na literatura de gênero que aborde personagens femininas sob um olhar crítico. É preciso observar e discorrer quais papéis essas figuras representam e o que se divulgam e deturpam sobre suas imagens, trazendo assim um posicionamento crítico não só como retaliação ao que foi ocultado pelo conservadorismo na

história e na literatura, mas contemplar e expandir a produção da escrita feminina na América Latina e no mundo. Também apresentar percalços para narrativas que outrora se consideravam perdidas, mas que hoje ecoam e ressurgem mediante Esquivel e de tantas outras escritoras que se dispõem a recontar o passado.

5.2 O “MALINCHISMO” E A TRAIÇÃO DA MULHER: A “VINGATIVA” DAS AMÉRICAS?

De acordo com Milagros Palma (1990), o "malinchismo" se originou na história mexicana como derivação do nome Malinche. O termo acabou sendo utilizado para descrever uma admiração excessiva pelos valores estrangeiros em detrimento dos valores nacionais, sendo também associado a uma atitude de submissão às influências estrangeiras. Em alguns contextos, é utilizado como uma forma de traição ou renúncia à própria identidade cultural em favor da cultura europeia, ou estadunidense.

A imagem da traição personificada no universo feminino está cada vez mais sendo atualizada; o "malinchismo" está em alta para denunciar qualquer atitude "estrangeirizante", tanto por parte das mulheres quanto dos homens. O "malinchismo" seria a atitude oposta ao nacionalismo fechado, conservador que tem sido cultivado pelo mundo crioulo e mestiço na América Latina em relação ao império norte-americano. Seguindo a lógica do feminino/masculino, diante desse mundo imperial que é masculino, os herdeiros de Cortés se feminizam, devido à sua própria debilidade frente a essa relação de forças. A consigna é não se abrir, permanecer fechados, ser "machos" até o final, como os estoicos aborígenes que morreram sem se render, conforme dirá o mito. (Palma, 1990, p. 146, tradução nossa).

Palma relata que o cunho emergiu com o nascimento do nacionalismo e a busca por uma identidade mestiça que pudesse se familiarizar com o que se tornaria o novo México, além da inferiorização dos mestiços que ali habitavam (Palma, 1990). Uma das questões abordadas é a problemática da atribuição da decadência de um império à figura de Malinche. De acordo com Araújo e Rocha:

Sabe-se que por muito tempo se buscou um “bode expiatório” para justificar as consequências que a invasão trouxe ao continente latino-americano. Era preciso uma imagem que carregasse essa culpa, então no início do século XIX, após a guerra da independência, em busca de uma identidade nacional, um mexicano de identidade não revelada escreveu a obra *Xicotécatl*, que traz a figura de Malinche como uma traidora de seu povo. Durante o século XIX, a narrativa da conquista, dos brancos que governavam o país, começa na contramão. Uma das

primeiras conquistas do país e de sua elite crioula, que tomou o poder no México, foi atacar a imagem de Malinche, pois é o oposto da sociedade que se formará ao longo do tempo: uma mulher indígena que tinha uma espécie de “voz” em um país onde governa uma elite de descendentes de espanhóis, ou seja, silenciar e distorcer a figura de Malinche foi uma estratégia política que perdura até os dias de hoje. (Araújo e Rocha, 2022, p.3).

Como as autoras enfatizam, o surgimento do termo malinchismo se dá por uma estratégia política, além de, mais uma vez, colocar a personagem como uma figura ardilosa e culpabilizá-la pelas atrocidades cometidas pelos espanhóis. A posição da mulher indígena, ardilosa e traiçoeira, repercute mais facilmente no patriarcado do que a ideia de um homem branco capaz de destruir uma civilização. Afinal, para muitos, Eva enganou Adão, Perséfone era ardilosa, e Malinche foi a culpada pelo extermínio da população indígena pré-colombiana.

A figura de Malinche é constantemente interpretada de maneiras diversas. Alguns a veem como uma traidora, enquanto outros reconhecem o papel complexo que ela desempenhou durante a invasão das Américas e sua subalternidade. A expressão se perpetua na atualidade pela deturpação e distorção histórica causada por muitos escritores e pesquisadores que não consideram as abordagens mais complexas que envolvem os personagens históricos, em especial a mulher colonizada.

Tornou-se habitual culpabilizar a mulher pela “destruição do mundo” desde os primórdios das histórias humanas, perpassando a misoginia dos espaços sociais para os culturais, atingindo também a literatura. Eduardo Galeano, em seu livro “Memórias del fuego: el nacimiento”, coloca Malinche como vingativa, carregando raiva de sua mãe por tê-la vendido aos invasores espanhóis, justificando assim a sua participação na comitiva de Cortés.

Cuando la madre descubre quién es la que ha llegado de visita a Painala, se arroja a sus pies y se baña en lágrimas suplicando perdón. La Malinche detiene la lloradera con un gesto, levanta a su madre por los hombros, la abraza y le cuelga al cuello los collares que lleva puestos. Después, monta a caballo y sigue su camino junto a los españoles. No necesita odiar a su madre. Desde que los señores de Yucatán la regalaron a Hernán Cortés, hace cuatro años, la Malinche ha tenido tiempo de vengarse. La deuda está pagada: los mexicanos se inclinan y tiemblan al verla venir. Basta una mirada de sus ojos negros para que un príncipe cuelgue de la horca. Su sombra planeará, más allá de la muerte, sobre la gran Tenochtitlán que ella tanto ayudó a derrotar y a humillar, y su fantasma de pelo suelto y túnica flotante

seguirá 71 metiendo miedo, por siempre jamás, desde los bosques y las grutas de Chapultepec. (Galeano, 1982, p. 70-71).²⁶

Na fantasia de Galeano, a personagem volta às suas origens, imponente, sendo quase uma dama espanhola, temida e vingada por toda a desgraça que lhe fora acometida em seus tempos de escrava. Para o autor, a sua maldade é escancarada, ela é uma traidora e humilhou conscientemente sua ancestralidade e seu povo para se vingar de sua mãe e seus antigos senhores. Ela havia se tornado uma mulher poderosa.

Eduardo Galeano foi um escritor de renome na América Latina, tendo uma vasta produção literária e uma posição política progressista que defendia a emancipação do continente. O interessante é que o mesmo escrevendo “As veias abertas da América Latina (1971), onde aborda a história econômica e social do continente latino-americano desde a invasão dos colonizadores europeus até o final do século XX, descrevendo as experiências dos países, a exploração de recursos naturais, da mão de obra trabalhadora, além das desigualdades econômicas e problemas políticos, sendo fortemente crítico em relação ao imperialismo, colonialismo e às estruturas econômicas globais que têm impactado a América Latina, se tornando um clássico da literatura, o autor traz a imagem de Malinche baseada em conceitos coloniais e imperialistas, pois em sua obra, a personagem é apresentada como vilã e culpada parcialmente pela queda do império asteca.

Ao trabalhar personagens históricos, sabe-se que é difícil ter uma previsão sobre os pensamentos e atitudes que os levaram a tomar decisões, não é algo possível de ser evidenciado. O que pode ser feito é a análise de textos historiográficos e estudos que abordem a sociedade na época em que viveram.

²⁶ Quando a mãe descobre quem é a que chegou visitando Painala, ela se joga aos pés dela e se banha em lágrimas, suplicando perdão. La Malinche interrompe o choro com um gesto, levanta a mãe pelos ombros, a abraça e pendura ao redor do pescoço dela os colares que está usando. Depois, ela monta a cavalo e segue seu caminho junto aos espanhóis. Ela não precisa odiar sua mãe. Desde que os senhores de Yucatán a presentearam a Hernán Cortés, há quatro anos, La Malinche teve tempo para se vingar. A dívida está paga: os mexicanos se curvam e tremem ao vê-la se aproximar. Basta um olhar de seus olhos negros para que um príncipe pendure na forca. Sua sombra pairará, além da morte, sobre a grande Tenochtitlán que ela tanto ajudou a derrotar e humilhar, e seu fantasma de cabelos soltos e túnica flutuante continuará a inspirar medo, para todo o sempre, dos bosques e grutas de Chapultepec. (Galeano, 1982, p. 70-71, tradução nossa).

A figura da indígena, por ser complexa, traz muitas contradições nas abordagens de alguns autores por conta de seus posicionamentos, no entanto, é importante observar que papéis estão sendo trabalhados acerca de pessoas que estiveram na posição de subalternidade durante os eventos históricos. Trazer essas figuras para a posição de antagonista descentraliza a “culpa” do capitalismo, como sistema responsável pelo uso das pessoas e regiões como propriedade, e dos reais invasores.

Ao dizer “Sua sombra pairará, além da morte, sobre a grande Tenochtitlán que ela tanto ajudou a derrotar e humilhar” (Galeano, 1982, p.70), Galeano reforça o estereótipo de antagonista que reverberou sobre Malinche a partir da revolução mexicana, desconsiderando os processos históricos sofridos pela indígena, que poderiam ser trabalhados e apontados por um pesquisador que defende a decolonização do continente latino-americano, nos mostrando que o mito que traz a história de Malinche reverbera até a atualidade.

Os processos de violação do corpo e da memória da mulher de cor são facilmente manipuláveis e mistificados pela sociedade, pois quase não há o compromisso em desmistificar qualquer violência e transgressão ligadas aos seus nomes e suas memórias. Embora particularmente discorde da homogeneidade que Lugones (2014) trata acerca dos processos de gênero nas sociedades antes da invasão pelos europeus, a autora é cirúrgica ao dizer que os homens brancos visualizam a mulher colonizada de forma animalesca (Lugones, 2014), a colocando no processo de desumanização.

Essa afirmativa nos traz a possibilidade de refletir como essa desumanização funciona nos espaços literários, pois para muitos, não há, de forma alguma, a rendição ou outro espaço que caiba à mulher colonizada a não ser o de culpa e transgressão. No texto *El laberinto de la soledad*, do escritor Octavio Paz, o autor diz que a indígena se entregou voluntariamente para Cortés, fazendo-a não ter mais o perdão do povo mexicano (Paz, 1947).

Si la Chingada es una representación de la Madre violada, no me parece forzado asociarla a la Conquista, que fue también una violación, no solamente en el sentido histórico, sino en la carne misma de las indias. El símbolo de la entrega es doña Malinche, la amante de Cortés. Es verdad que ella se da voluntariamente al Conquistador, pero éste, apenas deja de serle útil, la olvida. Doña Marina se ha convertido en una figura que representa a las indias, fascinadas, violadas o seducidas

por los españoles. Y del mismo modo que el niño no perdona a su madre que lo abandone para ir en busca de su padre, el pueblo mexicano no perdona su traición a la Malinche. (Paz, 1947, p.35).²⁷

A afirmativa de que Malinche se entregou voluntariamente ao seu algoz, além de misógina, é violenta, pois mais uma vez ratifica que a indígena teve a opção de escolha sobre o seu destino, escolhendo assim ser subalterna e violada pelo colonizador, sendo mais uma vez culpabilizada. Dizer que “Doña Marina se tornou uma figura que representa as indígenas, fascinadas, violadas ou seduzidas pelos espanhóis” (Paz, 1947, p.35), é desconsiderar toda a invasão aos corpos femininos indígenas, se é que esses autores consideram esses corpos como femininos.

A influência do Malinchismo dentro dos espaços literários repercutiu a má fama da indígena e desconsiderou por muito tempo seu papel de subalternidade entre as relações sociais pertencentes àquele contexto histórico. Como já abordado, esses autores, mesmo tendo uma vasta produção literária na América Latina, além das posições políticas que se opõem ao colonialismo, optaram pelo viés não crítico ao contemplar a figura de Malinche em suas obras, não a considerando como sujeito colonizado e explorado.

É difícil chegar a um consenso entre historiadores e críticos literários que abordam as representações que Malinche obteve para os povos mexicanos, pois há também, dentro do campo de estudos feministas, a valorização da imagem da personagem como uma figura revolucionária para sua época, é o que aponta Rebecca Kay Jager (2015) ao relatar que entre as feministas dos anos 70 a indígena é considerada uma escrava não somente de Cortés, mas dos homens indígenas que ali estavam.

Enquanto chicanos tendiam a difamar Malinche, as feministas chicanas a celebravam. Para eles, ela era o exemplo definitivo de uma mulher forte que podia sair dos limites das normas sociais - ainda que normas sociais do século XX - para se tornar uma força poderosa na formação da História. (Jager, 2015, p. 205).

²⁷ Se a chingada é uma representação da mãe violada, não me parece forçado associá-la à Conquista, que foi também uma violação não apenas no sentido histórico, mas na carne mesma das indígenas. O símbolo da entrega é Doña Malinche, amante de Cortés. É verdade que ela se dá voluntariamente ao conquistador, mas este a esquece assim que deixa de ser útil. Doña Marina se tornou uma figura que representa as indígenas, fascinadas, violadas ou seduzidas pelos espanhóis. E da mesma forma que uma criança não perdoa sua mãe por abandoná-la para ir em busca de seu pai, o povo mexicano não perdoa sua traição a Malinche (Paz, 1947, p.35, tradução nossa).

Jager aborda que há uma contraposição a essas afirmativas de Paz (1947) sobre a representação de Malinche para as feministas chicanas, que a observam com olhos diferentes dos homens chicanos, que também as julgaram como traidoras ao lutarem pelas questões de gênero além da igualdade racial no território estado-unidense (Jager, 2015). Para a pesquisadora, o incômodo e antagonismo da indígena se dá majoritariamente pela parte masculina (no que se refere aos homens chicanos), pois se repercute a imagem de traidora trazida pela historiografia nacional (Jager, 2015).

Para além das posições favoráveis e desfavoráveis sobre a indígena, há também a sua comparação com a lenda “La Llorona”, uma história popular na cultura mexicana com muitas variantes. A narrativa envolve uma mulher que chora pela perda de seus filhos, sendo associada também a momentos sobrenaturais que antecederam a queda do império asteca. Em resumo, a lenda fala de uma mãe que matou seus filhos por raiva e vingança da traição do marido, mas logo se arrepende, e após o trágico fato, tenta se matar no mesmo lugar onde cometeu o homicídio contra as crianças, mas sua alma não encontra paz e segue chorando arrependida. Romero e Harris retratam que:

As mulheres arquetípicas, La Llorona e La Malinche, são duas das mais antigas da tradição oral mexicana, a lenda de La Malinche data de meados do século XVI e o mito de La Llorona dos tempos pré-hispânicos. No entanto, só muito mais tarde é que eles foram vistos como intimamente relacionados. [...]La Llorona é uma figura mítica de origem pré-conquista e não inspirada em La Malinche, uma personagem histórica que só aparece depois do desembarque de Hernán Cortés na costa do México. La Malinche era uma pessoa de carne e osso, enquanto La Llorona é uma figura mítica derivada de antigas deusas mexicanas. Algumas de suas características, porém, foram atribuídas a Doña Marina, processo comum na criação de personagens míticos a partir de protótipos históricos. Em seu breve estudo. *Doña Marina e a Lenda de La Llorona," George A. Agogino, Dominique E. Stevens e Lynda Carlotta observaram em 1973 que a base da mulher que chora poderia ser encontrada em Dona Marina. "As razões de seu remorso foram a destruição de seu povo ou sua subjugação ao invasor de rosto pálido. Seus filhos", neste caso, são os incontáveis milhões de índios que caíram sob o domínio dos espanhóis. (Romero e Harris, 2005, p.134, tradução nossa).

Vê-se que constantemente Malinche está relacionada com a destruição de seu povo, sofrendo sobre ela também o castigo e o remorso de suas atitudes traiçoeiras, como levantado anteriormente entre os outros autores. No entanto, não apenas a invasão, mas outros eventos marcantes como as ditaduras na América Latina tiveram seus espaços revisados por muitos escritores, que

optaram por trazer uma abordagem que verdadeiramente se opõe ao colonialismo, como Esquivel.

A pesquisadora, mesmo que não afirme em sua narrativa a imagem da indígena como completamente inofensiva, pois mesmo com os indícios historiográficos, não se pode afirmar com clareza no que diz respeito à particularidade do pensamento humano, traz outra perspectiva que nos permite refletir sobre os fatos ocorridos e revisitar o espaço da personagem não como uma traidora, mas como uma mulher que acreditava nos presságios que lhe sucediam aos seus olhos, como todos os outros ali presentes, sendo motivada também por isso, e não por amor ao seu algoz.

Como já analisado anteriormente, não se pode afirmar com clareza através da obra de Esquivel o que verdadeiramente aconteceu porque não é o papel da literatura retratar verdadeiramente os fatos, tendo seu compromisso com a narrativa e conferindo permissividade ao escritor para desenvolvê-la. No entanto, cabe ao novo romance histórico latino-americano, como bem apontado por Aínsa (1993), apresentar uma narrativa que se comprometa em observar os acontecimentos do continente sob um olhar interno que se aparte de conjecturas criadas pelo colonialismo trazido pelo eurocentrismo. As bases para essa imersão dos revisionismos históricos na literatura se deram também pelo movimento pós-boom, que será melhor desenvolvido posteriormente.

A ideia de inferiorização da mulher mestiça se prolonga até a contemporaneidade, fomentando o patriarcado estrutural e racial também nas formas de amar e se relacionar, sendo consequência da violência sexual e inferioridade racial vividas pelas mulheres durante o período colonial. A pesquisadora Valeska Zanello aborda as consequências disso nas relações contemporâneas em seu livro "A prateleira do amor, sobre mulheres, relações e homens" (2023). A autora relata que a escolha para relacionamentos afetivos está majoritariamente ligada à cor, onde as mulheres brancas são vistas e "escolhidas" para casar, as mestiças (pardas, indígenas e negras de pele clara) para as relações sexuais, apartando-as do amor romântico, e as mulheres negras de pele retinta para o trabalho doméstico, colocando-as na posição de serventia (Zanello, 2023).

Por exemplo, quais foram os desafios enfrentados por mulheres brancas e negras. Enquanto as brancas eram vistas como procriadoras dos filhos legítimos, puras e castas, quase semelhantes à imagem de Nossa Senhora, as negras eram vistas como procriadoras de novos escravizados (como coisa reproduzindo outros sujeitos-coisas), brutas, sexualizadas e animalizadas. (Zanello, 2023, p.17).

O papel social das mulheres incluídas nessa “prateleira do amor” é resultado da difusão do colonialismo e da supremacia branca que reverberam até hoje. A invasão e a legitimação da usurpação do corpo das mulheres racializadas seguem sendo pauta de discussão dentro do movimento feminista, pois, como aponta Zanello (2023), as pautas raciais foram mais destrinchadas no movimento anos depois da primeira onda feminista, negando, mais uma vez, a feminilidade da mulher de cor.

Embora haja outras abordagens da pesquisadora e psicanalista, foi considerado relevante trazer apenas a pauta das consequências do colonialismo e do patriarcado nas relações amorosas contemporâneas porque coincide com a proposta de Gago sobre o corpo território. Afinal, colocar a mulher em uma “prateleira” (embora fantasiosa), onde sua cor definirá o tipo de relacionamento afetivo que receberá em uma relação heteronormativa, é reforçar os processos de dominação contínua trazidos pelos invasores aos corpos que outrora foram invadidos.

Essas discussões trazem a reflexão sobre o ciclo de violação ancestral sendo perpetuado na atualidade, sobre refletir que num mundo tecnológico promovido pelo capitalismo, os modelos de colonização dos corpos permanecem os mesmos daqueles que vieram antes de muitas de nós, só que de maneira velada.

5.3 O BOOM E PÓS-BOOM NA AMÉRICA LATINA

O "pós-boom" refere-se a um período na literatura latino-americana que veio logo após o "Boom Latino-americano", um movimento literário que teve sua eclosão durante as décadas de 1960 e 1970. No Boom Latino-americano, observa-se a produção de obras de autores renomados, como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e outros escritores majoritariamente do campo masculino. De acordo com Waquil (2014), havia

uma dificuldade na publicação de obras desses escritores durante o boom, como podemos observar:

Aqui, no entanto, é importante abrir um parêntese para destacar a situação que a escrita nos países latinos vivia até este ano. Nas já mencionadas memórias de Donoso, encontramos um testemunho real do que ocorria antes do grande estouro. Segundo o escritor, publicar um livro era um desafio para qualquer escritor nativo, porque além de existirem pouquíssimas editoras (havia países da América Latina que nem mesmo tinham uma), as poucas que haviam não tinham nenhum interesse em publicá-los e, assim, tinham que virar-se com editoras universitárias ou com empreendimentos próprios. (Waquil, 2014, p. 49, apud Donoso, 1971, p. 101).

Esse primeiro momento refere-se à valorização das obras literárias dos autores que anteriormente tinham dificuldades na publicação e no reconhecimento de suas produções de forma internacional, ultrapassando as barreiras do continente e dos editoriais que não atingiam um maior público. De acordo com Bragança (2008), haveria uma polêmica envolvida sobre os critérios literários e o elitismo que se situava nesse primeiro momento do movimento, pois muitas obras que eclodiram estavam relacionadas a narrativas românticas, deixando de fora outros gêneros literários que não compunham as características românticas na narrativa (Rama, 2008, apud Bragança, 1982).

Embora houvesse críticas às particularidades desse movimento, observa-se também algumas singularidades que estiveram presentes e foram fundamentais para a literatura regional, como o realismo mágico, técnica literária que aborda elementos mágicos num contexto realista na narrativa, como na obra de García Márquez, “Cien años de soledad”. Para além das técnicas, o período também foi fundamental para fundamentar o movimento de esquerda na América Latina, como ressalta Adriane Vidal Costa (2021):

Para muitos escritores, o boom não foi apenas um fenômeno comercial, mas também a oportunidade de apoiar decididamente as revoluções e os projetos socialistas na América Latina. Nesse período, foram produzidos vários livros de alto valor literário que ganharam projeção internacional(...) Como expressou Vargas Llosa (2006:90), os anos do boom possibilitaram que a Europa e a própria América Latina descobrissem que o subcontinente dos ditadores e dos mambos era capaz também de produzir literatura. Foram, enfim, anos em que o escritor assumiu a sua condição de latino-americano, anos de ilusões, amizades e também de fortes doses de irrealidade que não duraram muito. (Costa, 2021, p. 1,2).

De acordo com Cortázar, o movimento foi importante para mostrar que na América Latina também se produz literatura, não se limitando a um espaço de

invasões e ditaduras (Cortázar, 1973). O escritor também faz uma crítica ao uso do termo "boom", em inglês, para se referir a esse momento. Após esse primeiro período, eclodiu a segunda fase, que seria o pós-boom. O movimento pós-boom emergiu nas décadas seguintes, ganhando maior relevância a partir de 1980. Os autores dessa fase foram influenciados pelo Boom, mas trabalharam com novas abordagens estilísticas e temáticas, afastando-se das características inovadoras dos escritores do Boom e explorando questões sociais e políticas de formas diferentes.

As temáticas mais contempladas pelos escritores do pós-boom voltaram-se para as questões identitárias, opressões políticas e violência ditatorial, incorporando uma visão mais crítica da sociedade latino-americana, além de abordar as complexidades das relações sociais e culturais. O pós-boom também foi caracterizado pelo surgimento de uma série de escritoras latino-americanas que ganharam reconhecimento internacional, destacando-se por suas obras contemporâneas e influentes, que também incorporaram elementos do realismo mágico, além de explorar questões sociais, políticas e culturais da América Latina (Klock, 2021).

A partir desse fenômeno, emergiram autoras como Rosário Aguilar, Gioconda Belli, Isabel Allende e Laura Esquivel, que foram fundamentais para a expansão e o reconhecimento das escritoras femininas na América Latina, que anteriormente, no período do boom, não tiveram a mesma divulgação de suas obras. Esse novo momento na literatura foi crucial para o destaque dos romances ou das chamadas novelas, produzidas por mulheres que trabalhavam nas obras, em sua maioria, os ideais do realismo mágico e as características do novo romance histórico latino-americano.

Desde então, observou-se uma narrativa voltada para os romances com temas centrais do próprio continente latino-americano, onde o narrador principal dessas obras produzidas pelas escritoras do pós-boom eram mulheres que anteriormente estavam no espaço de subjugação, mas que se tornaram as protagonistas das obras e das histórias que as pertenciam, abordando temas sociais, políticos e culturais e as violências de gênero sofridas durante os períodos nebulosos da história.

Assim como no boom, as autoras também exploraram novas técnicas narrativas. Enquanto no boom se destacava a complexidade, o pós-boom voltava-se para a subjetividade, como as relações interpessoais e as experiências pessoais (Serrão, 2013). Há um destaque especial para a utilização de pautas políticas nas obras, já que muitas escritoras pertencentes ao movimento estavam envolvidas em movimentos políticos e sociais, utilizando suas obras de forma crítica sobre as problemáticas da contemporaneidade.

Deparamo-nos, no pós-Boom, com inúmeras obras que apresentam a mesma característica, como se fossem uma espécie de mosaico de detalhes históricos esquecidos. E esses mosaicos são constituídos, cada um, a partir de um foco, de um ponto específico: o de pessoas civis. Desse modo, podemos ter a voz de um ameríndio, de um negro, de uma mulher, de um jovem, todos partes e vozes de uma mesma História. As obras se convertem, pois, em uma espécie de “museu da pessoa”, e não do coletivo massificado produzido redutoramente pelos registros oficiais, seja para referenciar um passado remoto, seja como o da época colonial, ou a contemporaneidade. (Serrão, 2013,p.107).

Destaca-se também a literatura de testemunho, onde a narrativa evoca um período histórico turbulento, como a ditadura militar, através das micro e macro experiências vividas pelas personagens. É importante salientar que, mesmo trazendo um recorte historiográfico, Malinche não faz parte da literatura de testemunho por não ser algo vivenciado por Esquivel, observando a diferença entre literatura histórica e de testemunho. A exemplo, vejamos:

Os aspectos formais das narrativas do pós-Boom, em especial as de cunho testemunhal e histórico, não exploram uma causa revolucionária única subjacente à obra. Há vários protestos, constituídos a partir de várias causas. Creio caber, aqui, um exemplo para o que chamo de protestos constituídos de várias causas. No livro de Nora Strejilevich, *Una sola muerte numerosa* (1996), estabelece-se uma tessitura entre o discurso ficcional, o histórico, a memória e o imaginário coletivo sobre um fato obscuro da história da Argentina: as ações repressivas da ditadura. Isso se dá a partir de uma unidade social atuante: uma “ex-desaparecida”, uma voz que viveu o fato, mas que não estava do lado dos “heróis” do poder constituído nem da história oficial. Trata-se, aí, de microhistória, da resistência feminina nos campos de presos e de concentração. É uma espécie de reconstituição narrativa que perpassa várias causas. (Serrão, 2013, p. 106).

É fato que existe uma semelhança de características narrativas entre as obras no pós-boom; no entanto, elas não apresentam uma homogeneidade. A literatura de testemunho e a literatura histórica abordam eventos do passado, mas diferem em seus objetivos. Enquanto a literatura de testemunho trabalha

com experiências individuais vividas em um período histórico, a literatura histórica busca fornecer uma análise dos eventos passados que não necessariamente foram vividos pelo narrador. Observemos o que dizem Werner Mackenbach e Valeria Grinberg Pla:

Portanto, alguns traços compartilhados por grande parte dos romances históricos publicados a partir do final dos anos oitenta são - apesar de suas múltiplas diferenças temáticas e formais - um questionamento ou desconstrução da historiografia oficial sob a perspectiva dos "outros"/"outras" que tradicionalmente não tinham voz (os indígenas, as mulheres, os negros, as minorias sexuais, etc.), a narrativa e a estrutura polifônicas, o uso da paródia e da carnavalesca, a mistura de ficção e história, assim como a ruptura do conceito linear de temporalidade (mesclando passado e presente). O que particularmente une muitos desses romances é terem abandonado a fé na possibilidade de contar "a" história "verdadeira" - mesmo a partir de baixo ou das margens. Em contraposição ao testemunho, que busca (re)construir a verdade histórica através da voz de um "participante" nos eventos históricos (cuja voz/narrativa é representativa de um novo sujeito coletivo: os subalternos e marginalizados), e em contraposição aos romances que recorrem à reinterpretação dos mitos mesoamericanos para construir uma nova identidade. (Mackenbach e Pla, 2002, p. 347, tradução nossa).

Sendo assim, podemos concluir que esses movimentos foram essenciais para o desenvolvimento literário na América Latina e para uma maior visibilidade dos autores e da produção que se fazia, desmistificando os estigmas que outrora se apresentavam desde o período colonial até meados do século XX, abordando a diversidade cultural no continente. O período do boom e pós-boom na América Latina representou um ciclo de mudanças significativas. No boom, evidenciaram-se as questões estruturais mais ligadas ao mercado editorial, trazendo também uma movimentação financeira para o continente (Serrão, 2013).

Já o pós-boom evidenciou desafios estruturais subjacentes que demandavam atenção, como desigualdade, questões de gênero e subalternidade. Observa-se que o boom e o pós-boom foram eficazes para a disseminação dos editoriais do que se produzia no continente, mas que não tiveram anteriormente a relevância esperada pelos autores, que dedicavam suas obras à valorização dos pensamentos sobre a América Latina e aos respectivos movimentos revolucionários de emancipação dos países que ali estavam. As narrativas, históricas e/ou de testemunho, foram e são importantes para visualizar uma nova forma de pensar e fazer literatura que se aparte dos

molde eurocêntrico para criar uma nova estrutura narrativa que abarque características e técnicas próprias, além de sua singularidade.

CONCLUSÃO

O período turbulento da invasão do continente latino-americano tem sido pauta de muitas discussões que se opõem à colonialidade instaurada nos povos que foram subalternizados. Os retratos dessa colonização ainda se fazem presentes dentro da sociedade contemporânea, principalmente no que tange aos corpos das mulheres de cor e suas representações ancestrais, como o caso de Malinche.

A deturpação de sua imagem por ideais revolucionários machistas promoveu uma carga negativa à memória da mulher indígena pré-colombiana, retirando o papel de subalterna no contexto da invasão de seus corpos e de sua cultura local, sendo impossibilitada de cometer movimentos reacionários devido à situação na qual se inseria. Ideias como o malinchismo promovem noções contrárias às consequências da invasão espanhola às mulheres indígenas e ao sofrimento perpetuado de geração em geração.

Este trabalho teve por intuito apresentar, através da narrativa de Esquivel, outra perspectiva acerca da figura emblemática que Malinche foi, abarcando conceitos dos estudos de gênero dentro dos estudos decoloniais. Discutindo e analisando a falha que se obteve por longos anos da representação historiográfica, não só de Malinche, mas de muitas outras mulheres indígenas que tiveram seus corpos violados. Mesmo após a colonização, essas violações foram romantizadas por meio de narrativas que não se disponibilizam a trazer um teor crítico sobre as vivências e violências na história latino-americana.

Através dos conceitos do novo romance histórico, esta dissertação se prontificou a discutir, dentro da literatura, questões que outrora seriam consideradas insignificantes para o ambiente literário. Não só com esse subgênero literário, mas também com as eclosões de escritoras femininas revolucionárias abarcadas no pós-boom. Trazendo também outra representação acerca do que pode compor a literatura e sua abrangência aos estudos culturais, caminhando em comunhão com os estudos de gênero e outras pautas sociais que podem ser promovidas através dos gêneros literários.

A discussão não se absteve de trazer também como esses aspectos caminham juntos da historiografia e da literatura, com uma margem teórica que contemplasse algumas noções que familiarizam essas duas áreas consideradas correlatas, apresentando a multidisciplinaridade que compõe os estudos das ciências humanas. Ao todo, este trabalho teve por intuito contribuir para os estudos acerca da crítica literária feminina no continente latino-americano e a expansão dos estudos de gênero voltados às mulheres indígenas latino-americanas.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. **Invención literaria y “reconstrucción” histórica en la nueva narrativalatinoamericana**. In: KOHUT, K. (Ed.). *La invención del pasado. La novela histórica en el marco de la posmodernidad*. Frankfurt; Madrid: Vervuert, 1993.

AÍNSA, F. **La nueva novela histórica latinoamericana**. Plural, México, v. 240, 1991.

ALEGRIA, Claribel. "**La Malinche**" em *Nicarágua nas redes de poesia, compilado por Vidaluz Meneses e Juan Carlos Vílchez* (Manágua: RENIAS - edições anama, 2008), 7-8.

BRAGANÇA, M. **Entre o boom e o pós-boom: dilemas de uma historiografia literária latino-americana**. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 119 – 133, jan./jul. 2008. Disponível em: Acesso em: 17 dez. 2016.

CÂNDIA, Josephine. **MALINCHE DE LAURA ESQUIVEL: INOCENCIA Y PERSPICACIA DE UNA SUPUESTA TRAIIDORA**. Universidad de Bio Bio, Chile, 2013.

COSTA, Adriane Vidal. **Os intelectuais, o boom da literatura latino-americana e a Revolução Cubana**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul. 2001, p. 01-15. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848079_ARQUIVO_TextoANPUHAdrianeCosta.pdf. Acesso em: 14 fev. 2022.

CORTÉS, Hernán. **Letters from Mexico**. Edited and translated by Anthony Pagden. Introduction by J. H. Elliott. New Haven, CT: Yale University Press, 1986.

BONNICI, Thomas. **Encontros coloniais na literatura de viagens no Brasil do século**

XVI. Mimesis, Bauru, v. 21, n. 1, p. 07-24, 2000.

ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. México: Suma de letras, 2006.

FLECK, Gilmei Francisco. **A conquista do “entre-lugar”:** a trajetória do romance histórico na América. Gragoatá, Niterói, RJ, n. 23, p. 149-167, 2. sem. 2007.

FLECK, Gilmei Francisco. **O romance histórico contemporâneo de**

mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

GAGO, V. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo.** São Paulo: Elefante. 2020.

GALEANO, Eduardo. **“Memoria del fuego: el nacimiento”.** siglo veintiuno editores, sa CERRO DEL AGUA, 248. 04310 MÉXICO, D.F, 1982.

GRINBERG PLA, Valeria; MACKENBACH, Werner. **La (re)escritura de la historia en la narrativa centroamericana.** In: LEYVA, Héctor M.; MACKENBACH, Werner; FERMAN, Claudia (ed.). *Hacia una historia de las literaturas centroamericanas v.IV: Literatura y compromiso político. Prácticas político-culturales y estéticas de la revolución.* Ciudad de Guatemala: F&G Editores, 2018.

JABLONKA, Ivan. **A história é literatura contemporânea. Manifesto para as ciências sociais.** PONS, Horácio. Bons ares: Fundo da Cultura Económica, 2017.

JAGER, Rebecca Kay. **Malinche, Pocahontas, and Sacagawea: Indian Women as Cultural Intermediaries and National Symbols.** Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2015.

JAMESON, Frederic. **O romance histórico ainda é possível?** Novos Estudos, No. 77. CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Rio de Janeiro, março de 2007.

KLOCK, Ana Maria. **O romance histórico no contexto da nova narrativa latinoamericana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem.** 2021. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel - PR.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo decolonial.** Revista de Estudos Feministas, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014 <10.1590/S0104-026X2014000300013>.

LUKÁCS, György. **O romance histórico.** Boitempo Editorial .União Soviética, 1954.

MATTHEWS, Grethe Ruud. **La mujer indígena como el otro del conquistador español: relaciones de poder en Malinche de Laura Esquivel**. Universidad de Oslo, Noruega, 2018.

MIES M, **Patriarchy and accumulation on a world scale**. Women in the international division of labour. Zed Books Ltd, London, 1986.

MIGNOLO, W. D., & Walsh, C. E. (2018). **On decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822371779>.

MONTANDON, Rosa Maria Spinoso de. **La Llorona. Mito e poder no México**. Niterói, 2007. Disponível no link: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese2007_MONTANDON_Rosa_Maria_Spinoso-S.pdf.

PALMA, Milagros. (1990). **Malinche: o malinchismo ou o lado feminino da sociedade mestiça**. Em Malinche: o malinchismo ou o lado feminino da sociedade mestiça.

PAGOTO, Cristian e BONNICI, Thomas. **A dupla colonização da mulher no romance A Escrava Isaura**. In: Línguas & Letras, v. 8, nº 15, 2007.

PAZ, O. **El laberinto de la soledad**. 1. ed. México/ Buenos Aires: FCE, 1947.

PONS, María Cristina. **La novela histórica de fin del siglo XX: de inflexión literaria y gesto histórico, a retórica de consumo**. Perfiles Latinoamericanos, Distrito Federal, México, n. 15, p.139-169, dez.1999.

ROCHA, O.K., & ARAÚJO, L.P. Malinche, De Laura Esquivel: Uma Discussão Sobre O Romance E O Novo Romance Histórico Latino-Americano. Revista rascunhos culturais, Mato Grosso do Sul, 2023.

SEGATO, R. L. **Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres**. Puebla: Pez em el Árbol, 2014.

SERRÃO, Raquel de Araújo. **A hora e a vez do rosa no pós-boom latino-americano: a ficcionalização da história sob a ótica feminina**. Olho d' água, São José do Rio Preto, n. 5, 2013. p. 103-118. Disponível em: . Acesso em: 05 out. 2021.

SHERWOOD, Francês. **A noite triste**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUSTELLE, Jacques. **La vida cotidiana de los aztecas en víspera de la**

conquista. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor, sobre mulheres, relações e homens**".1ed. Aprill editora. 2023.

WAQUIL, Marina Leivas. **O boom latino-americano: recepção e tradução.** *Translatio*, v. 7, p. 47-60, 2014.

